



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

LEANDRO BUGONI

MEMORIAL

Memorial apresentado à Universidade Federal do Rio Grande – FURG como pré-requisito para progressão funcional à categoria de Professor Titular, Classe D, na carreira do Magistério Superior Federal.

Rio Grande (RS), Outubro de 2025

*Às mulheres da minha vida:
mãe Salete, esposa Carol e
filha Marina.*

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. IDENTIFICAÇÃO	7
3. PERÍODO PRÉ-ACADÊMICO	8
4. GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	14
5. MESTRADO EM OCEANOGRAFIA BIOLÓGICA	21
6. DOUTORADO EM ECOLOGIA E BIOLOGIA EVOLUTIVA	24
7. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Ensino	27
7.1. Atuação docente pré professor efetivo	27
7.2. Ingresso no ensino superior	30
7.3. Atividades de ensino na graduação	31
7.4. Atividades de ensino na pós-graduação	32
7.5. Orientações na graduação	32
7.6. Orientações na pós-graduação	33
7.7. Supervisão de pós-doutorado	33
7.8. Bancas de graduação, pós-graduação, qualificação e concursos	34
8. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Gestão	35
8.1. Coordenação de Pós-graduação	35
8.2. Direção de Pesquisa e Pró-reitoria	36
8.3. Comissões na FURG, nacionais e internacionais	49
8.4. Participação e coordenação de projetos	51
8.5. Captação de recursos	54

9. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Extensão	61
9.1. Projeto social	61
9.2. Restauração ecológica	62
10. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Pesquisa	63
10.1. Produção intelectual – Livros	63
10.2. Produção intelectual – Capítulos de livros	64
10.3. Trabalhos e palestras em eventos.....	64
10.4. Organização de eventos científicos	65
10.5. Comitês editoriais de revistas científicas	66
10.6. Pareceres para revistas científicas e agências de fomento	67
10.7. Coleção de Aves da FURG	68
10.8. Impacto científico	70
10.9. Impacto não-científico	73
11. PREMIAÇÕES E DISTINÇÕES	78
12. CONCLUSÕES E OS PRÓXIMOS 20 ANOS	79

1. APRESENTAÇÃO

Este Memorial foi elaborado em atendimento parcial à Deliberação Nº 124/2014, de 28 de novembro de 2014 do Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração (COEPEA/FURG), para ascensão à Carreira de Magistério Superior Federal, de que trata o Art. 12 da Lei nº 12.772/2012, com redação atualizada pela Medida Provisória nº 1.286/2024 (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/Mpv/mpv1286.htm revogado pelo ato https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/Lei/L15141.htm#art217). O Memorial é pré-requisito para progressão à última classe da carreira, correspondente à Classe D – Professor Titular.

A redação deste material, como deve ser comum a todos os memoriais autobiográficos, conduz à uma revisita ao passado, recente e distante. Decisões (minhas e de outros), tiveram relevância fundamental nos caminhos subsequentes. Outras escolhas teriam certamente resultado em outras jornadas e destinos distintos. A importância de ‘sims’ e ‘nãoos’ pode ser agora revisitada e compreendida como fundamentais, tanto na jornada pessoal quanto profissional. Para além das oportunidades, a vida é também feita de escolhas! Muito cedo pude perceber que não há erros ou acertos, pois tudo tem prós e contras, e de cada experiência há um ou vários aprendizados. Por isso, as encruzilhadas são definidoras de trajetórias e mesmo as escolhas erradas representam oportunidades de crescimento e melhoria contínua. Portanto, sou muito grato às escolhas que outros fizeram por mim, aos muitos “sims” e também aos “nãoos”. E também feliz pelas escolhas que fiz, embora muitas delas necessitaram de ajustes, mudanças de rota ou mesmo retorno ao seu início. Este memorial percorre estes caminhos e as decisões; relata o que interpreto como determinante para caminhos e conquistas subsequentes. Alguns personagens são citados ao longo da história, outros são omitidos voluntária ou inadvertidamente, mas sou muito grato a todos que fizeram parte dessa trajetória, pois o exemplo, mesmo que negativos, indicam modelos a serem evitados. Há de se destacar que os exemplos positivos ou inspiradores foram muitos e determinantes para a jornada até aqui.

A construção deste memorial inevitavelmente dá destaque ao período pós-formação, que denominei de “Histórico profissional”, o qual foi dividido nas diferentes dimensões profissionais possíveis – ensino, extensão, pesquisa, gestão acadêmica, dentre outros. Nesta descrição algumas atividades retornam ao período pré-ingresso na Universidade, por exemplo as atividades

de ensino como professor substituto, as publicações e revisões e até os projetos; mas mesmo antes, já que com 14 anos exercia emprego com “carteira assinada” e a atividade profissional, embora em outra área, já estava acontecendo. Espero que a leitura faça sentido e seja suficientemente clara, embora a decisão por uma abordagem cronológica não tenha sido estritamente seguida.

Também é necessário que a descrição biográfica seja comprovada, tarefa que requer habilidade e certa dose de criatividade. Como documentar em um Memorial de até 100 páginas (Deliberação Nº 124/2014, Art. 9º. §2º), com tantas bancas, artigos revisados para revistas orientações, artigos, etc.? A opção foi produzir um texto limpo, com alguns destaques, algumas análises, figuras e gráficos da trajetória, e em paralelo um Anexo/pasta digital com o extenso material comprobatório, disponibilizado à banca e numerado de acordo com as mesmas seções deste memorial. Devo destacar que muita coisa, em especial as mais antigas, não foram recuperáveis, e lanço mão da fé pública, se necessário, e do Currículo Lattes, onde são relatados os produtos e atividades ao longo da carreira. Outros comprovantes, em especial as atividades em comissões e no ensino de graduação e pós-graduação, fazem parte dos RAD – Relatório de Atividades Docentes, outro requisito para a ascensão a cada Classe e ao Nível de professor Titular. O RAD é avaliado em separado a cada dois anos, incluindo os últimos dois anos, e faz parte dos documentos protocolados para esta etapa. Mesmo assim, são várias centenas de arquivos e milhares de páginas com comprovantes das atividades descritas. Como mencionado, as seções na Pasta digital/Anexo seguem a mesma numeração deste Memorial, e deve facilitar a localização de cada documento, ou pelo menos indicar o volume de cada conjunto de atividades realizadas.

Alguma ênfase é também dada ao esforço pessoal e familiar para que esta carreira profissional fosse possível. A origem humilde num dos confins do Brasil não permitia muitas opções fáceis ou óbvias. Neste relato são enfatizadas as dificuldades e a dedicação, o exemplo em casa e outros elementos que moldaram o cidadão e o profissional que hoje sou. Mais importante, no entanto, é a relevância que as oportunidades, o ensino público em todos os níveis, e a ciência com financiamento governamental, podem ter em uma trajetória. Estes elementos foram fundamentais para minha trajetória, mas certamente têm relevância para a transformação social de muitos jovens e suas famílias. Um Brasil justo, menos desigual, e com reais oportunidades para mais crianças e jovens passa por estes mecanismos.

Boa leitura!

2. IDENTIFICAÇÃO

Nome: Leandro Bugoni

Filiação: Valdir Bugoni e Salete Vizentin Bugoni

Nascimento: 06/08/1977 - Tapejara/RS - Brasil

Carteira de Identidade: 1055849127 SSP/RS

CPF: 623.198.500-82

INSS – PIS/PASEP: 1800061827-9

SIAPE: 2424006

Endereço profissional: Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Instituto de Ciências Biológicas, Laboratório de Aves Aquáticas e Tartarugas Marinhas, Bloco 5, Avenida Itália, km 8, CEP 96203-900, Rio Grande, RS - Brasil

Endereço eletrônico: lbugoni@furg.br

Página na Internet: www.laatm.furg.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2667491497535763>

Researcher ID: F-9539-2012

ORCID Number: 0000-0003-0689-7026

Scopus ID: 8606809300

Pesquisador CNPq: Nível 1D – Oceanografia (Ingresso PQ em 2012)

Nome em citações bibliográficas: Bugoni, Leandro; Bugoni, L.

Linhas de pesquisa: Aves aquáticas; Conservação; Ecologia; Ornitologia; Oceanografia biológica; Tartarugas marinhas.

Ingresso na FURG: Maio de 2010

Cargo Atual: Professor Associado IV

Registro Profissional: CRBio 34685 03D

Registro no IBAMA (Cadastro Técnico Federal): 324701

3. PERÍODO PRÉ-ACADÊMICO

Nasci em Tapejara, no Planalto gaúcho, em 06 de agosto de 1977. Segundo filho de um casal de agricultores que logo mudou-se para o oeste paranaense, interior de Mariópolis, na conhecida marcha do oeste empreendida por gaúchos em busca de novas fronteiras agrícolas. De lá a família retornou sete anos depois ao interior gaúcho, hoje município de Caseiros, RS. Do Paraná guardo a lembrança da estrada empoeirada onde aprendi a andar de bicicleta e esfolei os joelhos muitas vezes. Também lembro com carinho da Profa. Gecy, minha alfabetizadora. Aos seis anos ia para a escola apenas para acompanhar minha irmã Eliane, um ano mais velha, que iniciara as atividades escolares. Escola do interior, cerca de 15 alunos, quatro fileiras de classes de madeira bruta, de diferentes tamanhos, em uma única sala; quadro negro dividido em quatro partes, um para cada série. Eu não tinha idade escolar, mas estava lá, acompanhava tudo com atenção. E assim, dizem que sem querer, aprendi a ler e escrever. No ano seguinte, oficialmente matriculado, surge o problema que eu já tinha cursado informalmente o primeiro ano e, sem barreiras, assistia às aulas das quatro séries. Mas quis o destino, e as decisões, que retornássemos ao interior gaúcho, o que de certa forma resolveu o problema.

A escola no interior de Caseiros era igualmente precária, também municipal, alcançada após pouco mais de 1 km de estrada de terra, morro acima, com chuva e geada como dificuldades e o aviso da mãe: “- Se passar carro, sobe no barranco!” (Figura 1). Mas havia melhorias – cada uma das duas salas de aula tinha ‘apenas’ duas séries - uma para primeiro e segundo anos; a outra para terceiro e quarto anos. Cada uma com um professor, o dedicado e exigente casal Odila e Mário Polli. Os anos iniciais e a alfabetização obviamente não foram muito encorajadores. Hoje é nítido que muitos dos colegas se perderam por aí. Mas lembro que li todos os livros da biblioteca. É preciso esclarecer que a biblioteca eram duas fileiras de livros numa única estante baixa de madeira. Naquela época eu já comentava que queria escrever um livro! Os livros tinham o poder de me transportar para outros lugares, para outras possibilidades, muito além daquela estrada de terra e das poucas pessoas que conhecia. Mas a vida era difícil, o dinheiro escasso, e as leituras ocorriam à noite, ao meio-dia, ou nos fins de semana. Isso porque no turno inverso à aula, acompanhava os pais no trabalho braçal na lavoura. Sim, trabalho infantil, mas que me fez valorizar as oportunidades, onde aprendi a dar valor ao esforço, a superar dificuldades e a respeitar meus pais, na luta para nos dar um futuro melhor. Minha mãe era a “letrada” da família

(a primeira grande mulher da minha vida), tinha orgulho de ter cursado quinta série, “o Ginásio” dizia. Meu pai... esse desistiu da escola na segunda série, mal sabe ler. E escrever, bem... no máximo preencher um cheque demoradamente. Mas concordo que ir à escola um dia e faltar o outro para trabalhar na roça não é exatamente uma condição muito estimulante. Nunca o vi escrever um bilhete... Tinha enorme potencial, faz contas “de cabeça” como ninguém, mas não teve as oportunidades que eu tive.

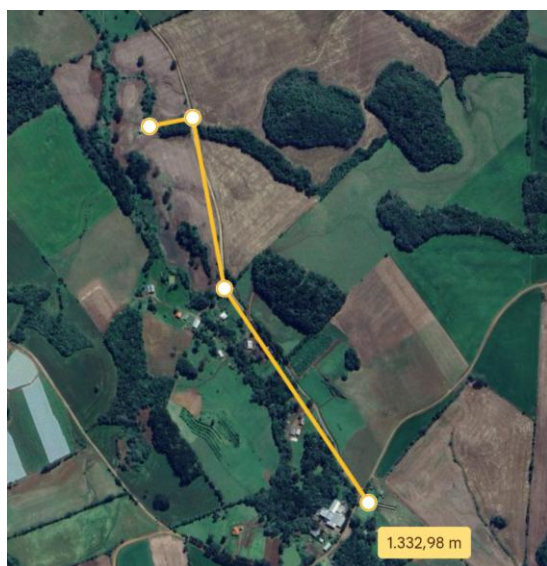


Figura 1. Imagem extraída do Google Earth, na típica paisagem agrícola com manchas de mata remanescentes ao longo das sangas e topo de morros. O trajeto marcado era percorrido diariamente para ir à escola primária, da primeira à quarta séries.

Mas meus pais tiveram a clareza do poder transformador da educação. Não sei quem os ensinou ou se aprenderam com as agruras da vida na roça, mas queriam um destino melhor para os filhos e fizeram o que, naquele lugar e naquela época, era inconcebível... A decisão que mudou a vida da família foi que nós deveríamos estudar.

Porém, a escola a partir da 5ª. série ficava na cidade, a mais de 20 km dali, Lagoa Vermelha. Digo que sou lagoense porque o final da infância e toda a adolescência passei nesta cidade. O início foi desafiador... Aulas à tarde e o pai nos levava de carro todos os dias, exceto quando chovia e os primeiros quilômetros da estrada, até a rodovia pavimentada, ficavam intransitáveis. No retorno, muitas vezes havia chovido... descer do carro, empurrar na lama, ou caminhar o restante da estrada até a casa. Em poucos meses a situação ficou claramente inviável, quando então meus pais alugaram uma casa para que eu e minha irmã pudéssemos concluir o ensino fundamental, naquela época “primeiro grau”. Era um colégio estadual, hoje Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Araby Augusto Nácul, conhecido como Colégio Estadual de Lagoa Vermelha. A vida continuava

muito difícil – segunda à sexta-feira no colégio, sexta à tardinha até segunda-feira pela manhã, a família trabalhava na roça. Essa também não era a rotina de infância/adolescência dos meus sonhos, mas era o possível, era até onde os recursos alcançavam. A escola pública era muito boa, diversos professores empolgados e uma grande biblioteca. Lembro do Dicionário Aurélio que ganhei na 7ª. Série, como premiação pela redação sobre a Biblioteca Municipal. Sim, ainda tinha a Biblioteca Municipal que eu frequentava semanalmente para pegar livros emprestados. Ali encontrei o “Guia de albatrozes e petréis do sul do Brasil” do Prof. Carolus Maria Vooren, que seria meu orientador de mestrado muitos anos depois. E meus pais continuavam investindo em conhecimento – curso de datilografia e informática – MS-DOS, DBASE, etc. em um curso itinerante que passava pela cidade. Computador com revezamento para uso, aqueles com caracteres verde-limão, disquetes flexíveis... era a tecnologia do momento.

A primeira grande oportunidade externa, não construída pela família, surgiu em meados de 1992 quando fui avisado de uma seleção para menor-aprendiz (na prática *office-boy*), no Banco do Brasil. Uma prova escrita de português e matemática, e uma entrevista com o gerente do banco. Fui selecionado “menor auxiliar de serviços de apoio”: carteira assinada (Figura 2), uniforme, crachá, salário mínimo, plano de saúde e vale-alimentação. Era uma oportunidade como poucas. Agarrei com unhas e dentes... corria dentro do banco levando papéis de um lado para o outro, ou do banco ao cartório, arquivo de dossiês e ajudava com os computadores. Estava além da minha função, mas saber o básico de informática era um grande diferencial no meio de uma equipe de adultos, com pouca ou nenhum conhecimento no tema. Deve ser parecido com a sensação que tenho hoje, diante de jovens graduandos que ficam 24h por dia nas redes sociais, e usam IA e ChatGPT no dia a dia!



Figura 2. Carteira de trabalho, usada apenas no primeiro trabalho, dos 14 aos 17 anos.

Durante um semestre, no primeiro ano do segundo grau, tive que cursar à noite, para conciliar com o trabalho pela manhã. Muito difícil, a qualidade do ensino mudou radicalmente. Mas à medida que o final do “segundo grau” se aproximava, quando faltavam dois anos para a conclusão, as angústias do que fazer, qual carreira seguir, como viabilizar... Natural foi a pressão pelas clássicas - Direito e Medicina – e a pressão de que continuar no Banco do Brasil, como funcionário efetivo, daria uma carreira tranquila a seguir. Com isso em mente, sem saber qual carreira iria escolher ou conseguiria avançar, cursei Técnico em Contabilidade no Colégio CECLEA. Era uma cooperativa de ensino, com uma mensalidade simbólica que não representava muito do meu salário mínimo. O restante era guardado, e o vale alimentação seguia sendo utilizado para o rancho mensal da família. Havia boatos de concurso interno no Banco do Brasil, pelo qual alguns funcionários antigos haviam passado. Por sorte isso não era mais uma realidade. Por sorte alguém decidiu que essa não era uma escolha possível. Foram três anos incríveis no banco, os dois últimos extremamente pesados, pois cursava o “científico” pela manhã, trabalhava à tarde, e cursava Técnico em Contabilidade à noite. A jornada iniciava no colégio às 07:40 h e terminava ao chegar

em casa, depois das 23:00 h. A mãe deixava um lanche em cima da mesa. Mas o período de trabalho foi uma oportunidade absolutamente fundamental. Ao sair do emprego surgiram várias oportunidades e, mais importante, grande parte do salário guardado – A incrível quantia de três mil reais estava reservada para a faculdade, em 1995. Houveram diversas ofertas de emprego em empresas locais, afinal eu acabara sendo conhecido na pequena cidade, mas nessa encruzilhada o caminho já estava escolhido. Hah... já ia esquecendo... Como empregado do Banco do Brasil eu tinha acesso à biblioteca da Fundação Banco do Brasil, no Rio de Janeiro! Ninguém no banco usava, mas eu descobri como acessar o acervo e solicitar empréstimos. Era incrível, preenchia um formulário e na semana seguinte eu recebia através do malote interno do Banco o livro – A Origem das Espécies, de Charles Darwin, foi lido pela primeira vez nessa época; também muitos livros sobre viagens, incluindo as viagens de naturalistas como Bates e Wallace, e fotografia da vida silvestre.

Antes disso, já em meados do último ano dos colégios, algumas certezas – universidade privada não havia nenhuma chance. Universidade pública era a única opção, mas diante de tantas possibilidades radicalmente opostas era preciso decidir o curso. O gosto pela natureza era forte, a curiosidade científica e por ambientes inexplorados e a paixão por animais e plantas. Devo confessar que as fotos colecionáveis dos fotógrafos Haroldo Palo Jr. e Luiz Cláudio Marigo foram fundamentais. Para aqueles da “minha época”, são figurinhas de chiclete e de chocolate que vocês devem lembrar... Guardo os álbuns ainda hoje. Foi uma enorme influência, decorava os nomes científicos e a ficha das espécies com naturalidade, já que lia inúmeras vezes. Eu precisava conhecer esses bichos... “Litoral e Ilhas Oceânicas” foi o primeiro desses álbuns. Como eu poderia não conhecer os rabos-de-junco de Noronha, os atobás-mascarados de Abrolhos, o golfinho-rotador, a tartaruga-cabeçuda...? Eu ainda não conhecia o mar! Fotografia era uma opção, afinal já tinha alguns ídolos fotógrafos, mas parecia pouco... faltava o conhecimento profundo sobre estes bichos. Era um mundo distante, mas talvez a escolha profissional poderia me levar a muitas aventuras. A decisão parecia óbvia. E eis que a decisão foi tomada – Ciências Biológicas. Meus pais confusos, não tinham ouvido falar disso: “- Era para dar aula?” - Não, se for para dar aula eu fico no Banco do Brasil, dizia eu!”

O comentário do meu pai foi direto: “- Mas isso dá dinheiro?”

A pergunta era uma verdadeira pedrada, e um grande aviso. A preocupação com uma vida instável e difícil era latente. No entanto, para uma pergunta previsível, dadas as agruras passadas

pelos pais, e aos quais fomos também submetidos, eu tinha a resposta na ponta da língua: “- Eu só preciso ser um bom profissional! - Para um bom profissional vai ter trabalho, mesmo que seja uma única vaga.” Essa resposta tinha sido cunhada pela minha professora de Ciências – Carmem Passos, que cursava pós-graduação e também lecionava na Universidade de Passo Fundo - UPF. Ela dizia frequentemente que às vezes não havia lugar para o segundo colocado... Exemplos..., mais uma vez o poder dos exemplos inspiradores. Eu sabia que o preço a pagar seria elevado, mas estava disposto a pagar. Era jovem, cheio de sonhos e ambições, e com muita energia. Afinal, depois de trabalhar na roça sob sol escaldante ou com geada sobre as espigas de milho, e de dois colégios simultaneamente ao trabalho, dedicar-se a um curso superior parecia fácil. Meus pais não entendiam, mas apoiaram.

O passo seguinte era a escolha da Universidade. Guia do Estudante (Editora Abril) indicava algumas opções, mas a maioria distantes. As boas, nota 5 no Guia, estavam longe. UFRGS era uma delas. Por que não? O alvo estava escolhido, mas uma Federal, sem cursinho? Decidi que iria tentar mesmo assim. Lia bastante, estava atualizado, boas notas no colégio... quem sabe? Para ser sincero, eu não tinha noção da dificuldade, apenas queria. Vestibular realizado, aprovação. A surpresa e a real noção da dificuldade ocorreram ao ingressar no curso meses depois, quando descobri que apenas dois aprovados não haviam frequentado cursinho - eu na 50ª. posição e o “Noventa” apelido do nonagésimo e último colocado, egresso do Colégio Militar de Porto Alegre. Dizem por aí “não sabendo que era impossível, foi lá e fez.” Pois é, acontece também na vida real.

A notícia da aprovação foi por telefone, tive que ir ao centro da cidade numa cabine da CRT (Companhia Riograndense de Telecomunicações) num sábado pela manhã, ligar para um cursinho em Porto Alegre e perguntar se meu nome estava na lista. A resposta foi Sim. “-Sim!?” “- Aprovado, Ciências Biológicas”, diz a voz feminina do outro lado da linha. Era verdade, como ela saberia o curso? O jornal do dia seguinte, domingo, foi comprado na banca e estava lá meu nome. Mas ainda no sábado, chegar em casa... Num misto de alegria e choro, a mãe entendeu que eu estava saindo do ninho, que minha vida seria distante daquela cidade. Novamente eles não entendiam porque, mas novamente me apoiaram. Eles sonhavam em ter um filho com diploma, algo que nunca esteve ao alcance deles. Hoje todos os cinco filhos têm diploma superior – quatro em universidades públicas; dois com doutorado, uma doutoranda a caminho e um mestrando! Sim, eles conseguiram de verdade! Uma decisão improvável, mudar para a cidade

para os filhos estudarem. Isso é loucura, ouviram muitas vezes. Mas transformou a vida de toda a família, pra muito melhor!

Por coincidências da vida, o ingresso em março era para os 45 primeiros colocados e pude, assim, concluir meu trabalho em junho de 1995 no Banco do Brasil, dois meses antes de completar 18 anos, regras trabalhistas – e guardar mais algum dinheiro, acessar seguro desemprego afinal não havia pedido demissão, FGTS... e ingressar na UFRGS, na segunda turma. Minha festa de despedida no Banco foi uma “vaquinha em dinheiro” – diziam que eu iria precisar muito. Eles tinham razão!

4. GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Em agosto de 1995 iniciava uma nova etapa. Três mil reais guardados e um sonho! Vida em república, RUs, longe de casa, mas no curso que tinha escolhido com tanto cuidado. Já no primeiro semestre o deslumbramento com o Continente Antártico e a consulta ao Professor da UNISINOS Martin Sander, indicado como o coordenador do grupo que trabalhava com aves antárticas. Havia a firme determinação de trabalhar com vertebrados. Não sabia qual grupo, qual ambiente ou qual tema, mas o gosto pelos grandes vertebrados estava claro. Interações ecológicas fascinavam-me. Eu e outro colega de turma, com o qual dividíamos a república, Gunther Gehlen, hoje professor da FEEVALE. Martin nos recebeu calorosamente e indicou que devíamos iniciar pesquisando o que pinguins antárticos comiam, analisar amostras antigas coletadas em expedições antárticas. Nos emprestou um livro do Haroldo Palo Jr. sobre a Antártica – muitas fotos e pouco texto. Martin estava finalizando uma proposta ao Proantar/CNPq e indicou que iria incluir nossos nomes na equipe. Infelizmente a proposta não foi aprovada. Mas foi assim que as aves marinhas entravam muito cedo na minha trajetória.

O curso seguia normalmente, disciplinas obrigatórias, algumas bastante preocupantes como Cálculo, Química orgânica, Física... outras incríveis, como Zoologia, Botânica e muitas saídas de campo. Por sua vez o estágio seguia com os primeiros resultados e, já no ano seguinte, em setembro, apresentei meu primeiro trabalho científico no VIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS: "Análise do Conteúdo Estomacal de *Eudyptes chrysolophus* da Ilha Elefante, Antártica - Ênfase em Cephalopoda (Dados Preliminares)." Era obviamente um trabalho desprezível, dados escassos produzidos por um aluno no segundo semestre, mas que resultou na “Menção

Honrosa” (Figura 3). Foi um dos trabalhos finalistas ao prêmio Jovem Pesquisador da área de Ciências Biológicas. Lembro muito claramente quando soube disso extraoficialmente, pela Profa. Sandra Hartz, no Bar do Antonio, no Campus Central da UFRGS, no início de setembro de 1996. Ela certamente se sentiu compelida a falar quando comentei que não sabia se continuaria no curso. Eram tempos de enorme angústia, o dinheiro tinha acabado e embora eu iniciasse uma bolsa, mal dava para o aluguel. Três anos guardando dinheiro para gastar tudo em um ano. Também sabia que meus pais não poderiam mandar recursos regularmente. Podiam ajudar eventualmente, mas não todo mês, seria insustentável. Eles receberam o aviso da Menção Honrosa por terceiros, pedi para avisarem, mas continuaram sem entender nada. Porém era um prêmio, deveria ser importante! Curso em turno integral, não tinha como conciliar com trabalho. Estava tudo dando certo, “só faltava o dinheiro”. O curso pelo qual eu estava deslumbrado estava escapando das minhas mãos.

Mas havia alguma esperança. Uma oportunidade de bolsa surgiu no início de setembro, bolsa de Iniciação Científica do CNPq. Havia um porém, em Bioquímica, para trabalhar com “expressão hormonal e rotas bioquímicas em células de sertoli.” Hein!? Sim, testículos de ratos cultivados em placas de Petri e expostos a hormônios, com marcadores radioativos. O projeto era coordenado pela Profa. Elena Bernard, renomada pesquisadora argentina, conhecida pelo rigor e por ser “de poucas palavras”. Eu deveria ajudar uma mestrande, farmacêutica, do PPG Bioquímica. Entrevista realizada, CV apresentado, afinal eu tinha um resumo em evento que iria acontecer no início de setembro, já tinha algo pra dizer no Currículo! Bolsa aprovada, começaria imediatamente. Era a primeira bolsa de iniciação científica (Figura 4). Que sufoco, meu curso ganhara uma sobrevida. Sabia que dava para o aluguel e alguma comida, nada mais. Mas podia respirar, pelo menos por um tempo. E uma ajuda de vez em quando vindo de casa complementar, alguma dívida iria acumular-se, mas eram mais alguns meses. Renegocieei o aluguel da república, os proprietários tinham sido meus colegas no Banco do Brasil – Lourdes e Vilson! Foi uma mão estendida num momento crítico.

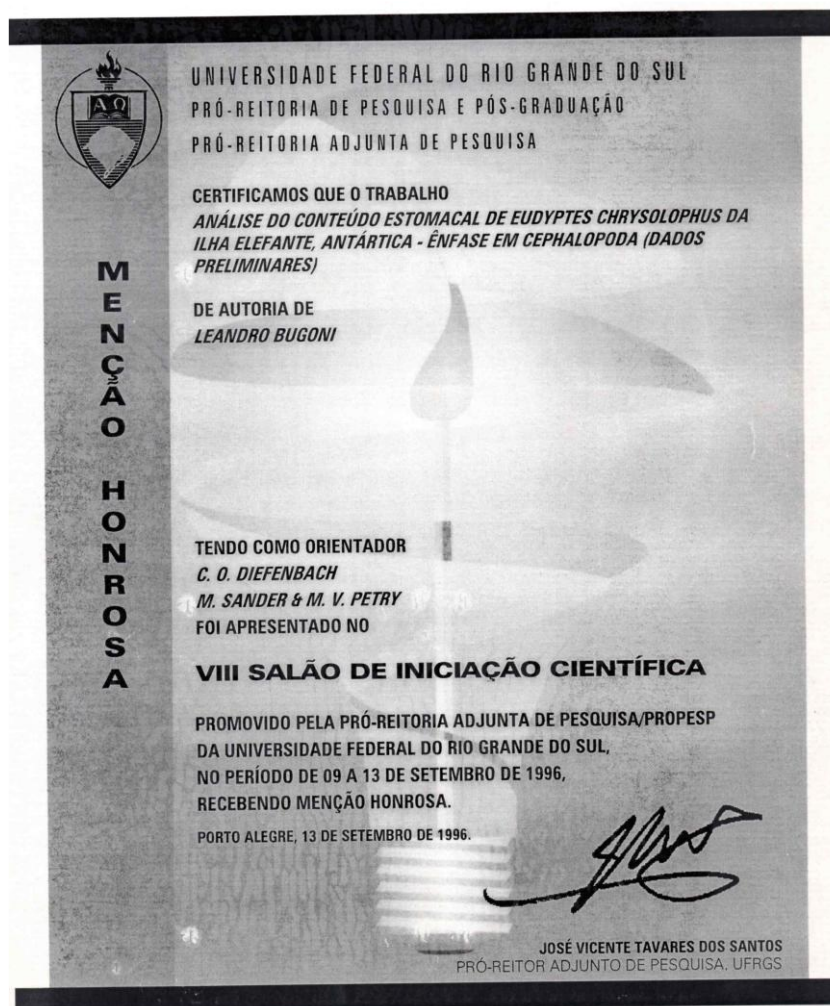


Figura 3. Menção honrosa recebida na primeira apresentação de trabalho em evento de Iniciação Científica em 1996, terceiro semestre da graduação.

O alívio veio junto com mais aventuras e apostas. O estágio com os pinguins na UNISINOS continuava em paralelo, aos sábados, ou à noite. Depois das aulas pegava o TRENURB para São Leopoldo, um ônibus até o Campus, e trabalhava à tardinha e à noite. E nas férias seguintes trabalhei com mais intensidade e decidi permanecer no verão em Porto Alegre para trabalhar nos estágios. Em fevereiro de 1997, participação no Congresso Brasileiro de Ornitologia, em Belo Horizonte. Foram 32 horas de ônibus para chegar lá, alojamento no Mineirinho e apresentação do trabalho em seção oral, microfone na mão e plateia com os “ases” da ornitologia brasileira – Fernando Pacheco, Mário Cohn-Haft, Miguel Marini (organizador do evento), Mauro Galetti, recém retornando do doutorado em Oxford, e tantos outros. Já estava claro qual caminho eu queria seguir.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOQUÍMICA
Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Anexo
Fone: 3308-5534 / 5536
FAX: 3308-5535
e-mail: dbioq@ufrgs.br

ATESTADO

Atesto para os devidos fins, que **Leandro Bugoni** participou sob minha orientação, na qualidade de Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, nas atividades de pesquisa dentro do projeto integrado Processo N° 520878/96-5, intitulado Bioquímica da Célula de Sertoli, no período setembro de 1996 a maio de 1997.

Porto Alegre, 20 de Janeiro de 2009.

Dra ELENA AIDA BERNARD
Responsável pelo Projeto

Figura 4. Atestado da primeira bolsa de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq), em Bioquímica, obtida em 1996. O atestado foi solicitado muito mais tarde, por ocasião do concurso para professor efetivo na UFPEL.

No retorno a Porto Alegre, mais decisões difíceis e algumas apostas. Eis que surge a oportunidade de pedir uma bolsa para trabalhar com tartarugas marinhas – bolsa da UFRGS, onde eu precisaria de um orientador/a e redigir o projeto; e trabalho executado na UNISINOS, em um projeto da UNESCO recém financiado, coordenado pela Profa. Maria Virgínia Petry. Fiz contato

com a herpetóloga Profa. Dra. Lígia Krause, do Departamento de Zoologia da UFRGS, que me recebeu com uma boa dose de desconfiança. Mas aceitou submeter um projeto, bastante aprimorado por ela, obviamente. Era sobre dieta de tartarugas marinhas, a serem amostradas nos encalhes no litoral gaúcho. Naquele momento continuava com o cultivo de células de sertoli, mas sinceramente, não entendia nada e o assunto não empolgava. Porque não tentar a bolsa em um tema mais próximo ao meu interesse?

Meados de abril, mais aventuras – surge a oportunidade de realizar um estágio com rastreamento de pinguins-de-Humboldt, no litoral peruano. Estava sendo montada uma equipe de voluntários internacionais para rastrear os pinguins entre junho e setembro. Alimentação e hospedagem por um mês, e rádio-telemetria de pinguins – em resumo, ficar escutando *beeps* em uma falésia à noite, e durante o dia monitorá-los com binóculos e *beeps*. Puxa, pesquisa de verdade em campo, que oportunidade! Candidatura realizada, vaga oferecida pela Dra. Patrícia Majluff. Mas havia vários problemas: o primeiro é que precisaria sair em maio para chegar no início de junho em Nazca, Reserva Guanera Punta San Juan. Ou seja, um mês e meio antes do final do semestre. E, pior, se a bolsa com tartarugas marinhas não fosse aprovada pelo PIBIC/UFRGS eu estaria de novo na situação do ano anterior – suspender o curso, buscar algum emprego e seguir outro caminho. Porém o câmbio (Reais para Soles peruanos) era extremamente favorável, calculei que com recursos de pouco mais de um mês em Porto Alegre eu bancaria a viagem de três meses, viajaria um tanto e retornaria para o início do semestre seguinte. Com um misto de medo e vergonha comuniquei à Profa. Elena que estaria deixando a bolsa e o trabalho com as células de sertoli. Esperava o pior, sentia-me um ingrato pela oportunidade que tornou possível continuar a graduação, e estava abandonando por uma aventura bastante arriscada. Sorriu com um olhar de mãe (ela nunca teve filhos) e respondeu que sempre soube que o meu caminho não era no laboratório dela. Iria acontecer, era só uma questão de tempo. Desejou-me boa sorte.

Desafio aceito, assumi o risco e propus aos professores realizar provas do semestre sem ter atendido às aulas ainda. Os professores concordaram e eu finalizei o semestre um mês e meio antes do término oficial. Aprovado nas disciplinas, acho que por compaixão de alguns professores. Mochila nas costas, ônibus até Corumbá, trem da morte até Santa Cruz de La Sierra – Cochabamba, La Paz, Puno, Arequipa, enfim Nazca, quatro dias depois. Era uma insanidade, eu não sabia nem pedir um copo de água em espanhol! Meu domínio de inglês para interagir com a

equipe internacional – Estados Unidos, Suécia, Canadá, Espanha –, era nível escola pública + alguns artigos lidos com dicionário, nada mais.

A real dimensão do que era fazer pesquisa ocorreu em Punta San Juan. Contato com pesquisadores já estabelecidos, entre os quais destaco Carlos Zavalaga, com o qual mantenho coorientações, coautorias, bancas de avaliação e contato em projetos até hoje. Para além dos dias de campo na costa do Pacífico, justo durante um dos eventos El Niño mais intensos da história, também lia várias vezes por dia no quadro do alojamento “*¡Un trabajo no publicado es un trabajo no hecho!*”. Essa frase explicava por que eu buscava insistentemente nos grandes livros azuis do *Zoological Records* e do *ASFA – Aquatic Sciences and Fisheries Abstracts* - pelos trabalhos dos orientadores do Brasil e não aparecia nada, apesar de década e meia dedicada às aves antárticas. Eram nestas fontes que se fazia revisão bibliográfica, seguido pelos famigerados cartões do COMUT para, enfim, meses depois, obter uma cópia do artigo e poder lê-lo. Mas era preciso publicar em revistas conhecidas.

Bolsa com tartarugas marinhas aprovada a partir de setembro de 1997, quando ainda estava no Peru, e regresso cheio de histórias. O curso seguia, muitas atividades de campo ao longo do litoral gaúcho, contato com as tartarugas que acabou sendo uma segunda paixão. Em abril de 1998 a oportunidade de conhecer o mar, de verdade. Projeto REVIZEE – Score Sul, amostragem de bentos e sedimentologia, algumas colegas bentólogas avisaram que precisavam de mão-de-obra barata para completar a tripulação. Lá vou eu rumo a Rio Grande, NOc. Prof. Wladimir Besnard, da USP (Figura 5). Obviamente, com binóculo emprestado e guia de aves marinhas na mão. Meu primeiro embarque durou uma semana, de muitas aves em seu habitat, mares bravios (Beaufort 6-7, contêiner do Porto do Rio Grande caídos no mar, ventos bem superiores a 100 km/h). Mas valeu cada minuto mareado ou não mareado. Cada vez mais consolidava a ideia de que descer a Serra para o nível do mar tinha valido a pena.



ATESTADO DE EMBARQUE

Atesto, para fins curriculares, que *Sr. Leandro Bergoni*, participou do cruzeiro oceanográfico, de Bentos/Geologia, do Programa REVIZEE - Score Sul, de 14 a 20.04.1998, entre Rio Grande/RS a Crisciúma/SC a bordo do N/Oc. "Prof. W. Besnard", do IOUSP, sob a Chefia Científica do Prof. Jair Weschenfelder, num total de 84 horas.

São Paulo, 06 de maio de 1998.

Prof.^a Dr.^a Carmen L.D.B. Rossi-Wongtschowski
Coordenadora do Programa REVIZEE-Score Sul

Figura 5. Comprovante do primeiro embarque realizado, em 1998, no NOc. Prof. Wladimir Besnard, da Universidade de São Paulo, como parte do Programa REVIZEE.

Mas no final de 1998 o cansaço já estava forte, as contas seguiam não fechando (o curso de Contabilidade parece não ter ajudado muito!). E então o murmurinho que o currículo do curso iria mudar no final do ano seguinte: eram muitas áreas de ênfases que poderiam ser escolhidas no bacharelado (nove ou dez), além da licenciatura, e que me compeliu a acelerar e terminar logo a graduação. A ênfase escolhida foi Zoologia, o que me obrigava a cursar algumas disciplinas extras da área. Greve, que na época era padrão todo ano, uma carga horária em disciplinas insana para acelerar o término e, por fim, um convite para integrar a equipe do CEMAVE que iria investigar as aves dos parques de Porto Alegre. Identificação de aves, captura com redes de

neblina, e ao final do projeto a produção de um guia de identificação. Neste projeto conheci o Márcio Efe, hoje professor da Universidade Federal de Alagoas e parceiro em projetos compartilhados até hoje¹. A correria neste último ano lembrava os últimos anos do ensino médio aliado ao trabalho no Banco, pois novamente beirava a insanidade – nove disciplinas e carga horária somada (estágio+trabalho+aulas) superior a 70 horas semanais. E ainda havia o Trabalho de Conclusão, a esta altura definido como “Conteúdo estomacal de tartarugas marinhas”, já que a ênfase do curso escolhido era Zoologia². Obviamente o imprevisto era constante. Mas eu estava determinado a concluir o curso em três anos e meio (dos quatro previstos), escapar do novo plano de disciplinas do curso que obrigaria a cursar novas matérias. E ir para um mestrado, porque as dívidas já estavam grandes e a correria insustentável. TCC avaliados pelos Profs. Thales Freitas e Sandra Hartz (Sandra sempre no meu caminho, outro exemplo inspirador).

Enfim, 28 de fevereiro de 1999 tive a última aula da graduação. Tranquilidade, ainda não, pois no dia seguinte eu iniciaria o mestrado na FURG. Formatura agendada para 02 de abril, pais e irmãos mais novos presentes no Salão de Atos da UFRGS, chapéu jogado para o alto, eu e meus pais em prantos. Eles tinham conseguido! Fui o primeiro a obter curso superior em duas famílias – materna e paterna – com 18 tios e várias dezenas de primos. É bastante óbvio o poder transformador da educação e da relevância do ensino público em todos os níveis, embora naquela época eu ainda não tivesse essa clareza.

5. MESTRADO EM OCEANOGRAFIA BIOLÓGICA

A decisão de cursar mestrado na FURG veio após algumas consultas e muitos “nãos” dos ornitólogos brasileiros. Ninguém orientava mestrado com aves marinhas no Brasil, não queriam topiar essa ventura, e os cursos de Pós-graduação ainda estavam consolidando-se. Mas havia um holandês na FURG que trabalhava com tubarões e tinha publicações com aves marinhas. Telefonei para o Prof. Vooren que me incentivou a realizar a seleção em dezembro de 1998. Sugeri que pudesse me coorientar em outro PPG (queria ter um plano B, não iria conseguir preparar-me

¹ Este projeto resultou em alguns artigos, além de um guia de identificação de aves (Efe, Mohr & Bugoni 2001). Estes produtos são destacados posteriormente, nas seções correspondentes. Fiz questão de levar um exemplar para os Profs. Odila e Mário Polli. Eu havia escrito um livro!

² A produção científica (*Marine Pollution Bulletin* e *Chelonian Conservation and Biology*) e seus impactos não-científicos desse trabalho são abordados em seções posteriores.

adequadamente para a seleção), mas ele disse que iria conseguir. Foi uma maneira gentil de negar meu pedido. Fiz a seleção, saiu a lista de aprovados, mas o verão foi preocupante porque não havia a ordem de classificação, que indicaria a prioridade para a bolsa. E sem bolsa, sem chances de morar em Rio Grande. E a graduação na reta final, precisava terminar. Liguei várias vezes para Rio Grande, mas não consegui descobrir se teria bolsa, nem sequer uma vaga ideia. A Vera (Secretária) só insistia para que viesse fazer a matrícula! No dia 01 de março vi a lista impressa na secretaria: era o primeiro colocado, dentre uns quinze aprovados. Puxa, agora fazia sentido! Mas poderia ter avisado!

Decidir o tema da dissertação foi outra novela! Eu queria novamente pinguins, mortos na costa, mas ouvi do Vooren que “não sabia muito bem o que fazer com estes animais”. Mais um “não”, que eu agradeço enormemente, ampliou as áreas de atuação, ambientes, temas, táxons... atuar em diversos temas correlatos dão frutos que sigo colhendo ao longo da carreira. Vooren me levou ao Molhe Leste, onde bandos de trinta-réis passavam a noite. Seria com *Sterna hirundo* – identificar e contar os bandos, coletar pellets para saber o que comiam. Foram dois anos com trabalho de campo (ia de ônibus, atravessava a balsa no TECON com a mochila nas costas e acampava na base dos Molhes). Depois disso, laboratório intenso, 4 mil otólitos identificados e medidos na lupa, fins de semana e até 10h da noite. Foi de intenso aprendizado, o Vooren nos tirava sempre da zona de conforto, nos obrigava a olhar as coisas por ângulos inusitados, e insistia na precisão de cada palavra durante a redação. Mas ao final dois artigos publicados (na *Ibis* e na *Waterbirds*). Em agosto de 2001, com algum atraso, eu defendia o mestrado.

Ainda no mestrado eu começava a articulação para a realização do doutorado no exterior. Sempre tive o propósito de realizar doutorado fora do país. O alvo estava escolhido, Dr. John Croxall, vários artigos com pinguins e albatrozes lidos durante a graduação e mestrado. Enviei email, e o Dr. Croxall avisou que estaria em Puerto Madryn, na Patagônia argentina, em setembro de 2000, para as Jornadas Nacionales de Ciencias del Mar. Mas era o último semestre com bolsa, novamente a insegurança. Havia economias, mas uma viagem ao exterior naquele momento ia sair caro. Porém havia na FURG diversos interessados em participar do evento, afinal, era na Patagônia. Porque não organizar uma excursão? Sairia barato para todos, inclusive para mim. E lá estava eu locando ônibus – mais de 30 estudantes, de graduação e pós, atravessando o Uruguai até a Patagônia. Infelizmente, lá ouvi do Croxall que ele estava próximo da aposentadoria. Precisaria conversar com seu sucessor, para então disponibilizar uma vaga no British Antarctic

Survey, além de uma conexão na University of Cambridge. Semanas depois o segundo “não”, que confirmava o primeiro – não havia vaga para mim. A decepção foi grande, mas já estava na reta final do mestrado, últimas amostragens em campo, triagem de amostras, foco foi direcionado à conclusão do mestrado.

Logo após da defesa algumas ofertas de trabalho se sucederam rapidamente, incluindo o convite para iniciar doutorado na FURG. Mas a decisão de cursar doutorado no exterior já estava tomada, apesar da decepção no ano anterior. Resolvi aceitar o trabalho no Museu Oceanográfico, em projeto de monitoramento das aves no estuário. Grandes amigos fiz ali – Neneco, Lauro, Andrea, Rejane, e tive a possibilidade de atuar como pesquisador. Durou pouco, pois no ano seguinte, mais aventuras – uma vaga para trabalhar a bordo de navios de pesca e processamento de pescado nas ilhas Falkland/Malvinas, para a ONG Falklands Conservation – havia problema de mortalidade incidental de albatrozes na pesca de arrasto, precisavam de dados para subsidiar medidas de mitigação. Candidatura realizada, entrevista em inglês por telefone. Selecionado, em julho de 2002 estava de novo com a mochila nas costas para mais uma aventura – mais amigos: Ben Sullivan, Tim Reid, Nic Huin, e uma oportunidade incrível – trabalho a bordo intenso, 39 dias num único cruzeiro, quase três meses no mar no total³. Milhares de albatrozes e petréis ao redor dos navios espanhóis. E em terra, colônias de pinguins-de-magalhães, pinguins-rei, ... é o paraíso!

De volta ao Brasil após o término dos quatro meses previstos e já em 2003, com o projeto no Museu Oceanográfico finalizado, surge a oportunidade de atuar como professor substituto na FURG – Instituto de Ciências Morfobiológicas – DCMB – análise de currículo e entrevista, e atuação como professor de zoologia para o recém criado Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura. Ao mesmo tempo, atuava em parceria com o Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental - NEMA, que tinha a intenção de iniciar trabalhos com tartarugas marinhas. Propusemos projeto ao FUNBIO em edital recém lançado. Projeto aprovado – iniciava o monitoramento de praia e atividades com a pesca, em paralelo às aulas que ministrava na licenciatura. Logo antes, algumas consultorias pagavam as contas. E o dinheiro guardado das Falklands dava-me alguma segurança. Foi um bom tempo entre o final do mestrado e o início do doutorado, durante o qual pude amadurecer bastante e pensar com calma outra tentativa de doutorado. Afinal, o tempo estava passando.

³ O trabalho resultante deste período foi publicado na *Biological Conservation* (Sullivan *et al.* 2006), e ainda é um dos 3 trabalhos mais citados da minha carreira. É destacado na seção correspondente, mais adiante.

6. DOUTORADO EM ECOLOGIA E BIOLOGIA EVOLUTIVA

Algumas sugestões, algumas leituras de artigos e enfim, contato com o Prof. Robert Furness, University of Glasgow. A ideia havia mudado, não mais um projeto com aves antárticas ou sub-Antárticas, e sim focar nas aves brasileiras, os albatrozes e petréis (Procellariiformes). Amostragem no mar, amostragem na Ilha da Trindade e uso de isótopos estáveis. Com uma metodologia nova no país, várias espécies ameaçadas de extinção, eu tinha um bom argumento para obter uma bolsa da CAPES ou CNPq (acabei aprovando em ambas). Começamos a discutir o projeto. A disputa por uma bolsa em 2004 foi tensa, época de poucos recursos, e uma seleção ferrenha ao edital para doutorado pleno no exterior. Passaram apenas cinco candidatos na área de Ecologia – na CAPES, após entrevista presencial em Brasília, a qual fiquei sabendo da data de realização apenas na véspera. Compra de passagens às pressas e correria para Brasília. Depois da aprovação da bolsa, o IELTS, outro momento tenso. Tive que estudar inglês de verdade, não dava mais para enrolar. Passadas estas etapas, mudança de país após o término do contrato de professor substituto na FURG. Chegara a hora de correr atrás do tão sonhado *Ph.D.*

Novamente mochila, mas agora eram duas. Até hoje riem que uma mochila e meia era para os artigos em papel (sim, levei todos) e meia mochila para as roupas. Outra vez meus pais não entendiam porque estava indo tão longe, por três anos. Mas novamente eles me apoiaram, afinal, já fazia tempo que tinha me tornado um andarilho.

Bob Furness é um *gentleman*, não à toa diversos pesquisadores do exterior o haviam recomendado; além de um “*seabird hero*” como ouvi há poucos meses de um norte-americano. Centenas de artigos, livros, desde o início da década de 1980 vem atuando regularmente com ecologia de aves marinhas. Mesmo agora aposentado segue produzindo. A experiência pessoal e profissional em Glasgow foi muito enriquecedora, de fato transformadora. Viver numa cidade cosmopolita e com um centro de pesquisa tão qualificado foi fantástico. Felizmente, por caminhos tortuoso, o período entre o mestrado e o doutorado prepararam-me para aproveitar melhor o tempo em Glasgow. Tinha já um punhado de publicações que ajudaram muito na seleção da CAPES, e uma experiência profissional que me permitia resolver os diversos perrengues no Brasil, afinal a amostragem numa ilha remota, acessível somente com apoio da Marinha, e no mar, com a ajuda dos pescadores de espinhel, era por minha conta. Recursos para análises de amostras buscamos junto ao NERC – National Environmental Research Council, cujo

projeto foi aprovado para a análise das amostras que iria coletar no Brasil. Transmissores por satélites usei três recauchutados de projetos anteriores do Furness com skuas, e tive proposta vencedora em uma competição da North Star Science and Technology & American Bird Conservancy, cujo prêmio era a doação de quatro aparelhos. O cenário para realizar o doutorado estava montado – “Estrutura trófica da comunidade de albatrozes e petréis no Brasil”.

O doutorado pleno no Reino Unido, na maioria das universidades, prevê três anos apenas, porém sem disciplinas e sem exame de qualificação. Apenas a tese e reuniões de acompanhamento por uma banca interna. No entanto, meu projeto previa extensas atividades de campo no Brasil, o que reduziria o tempo disponível. Foram cinco cruzeiros na pesca de espinhel e linha de mão no sul do Brasil, com o mestre Celso Oliveira (*in memoriam*) e sua tripulação, tarrafeando as aves para amostragem biológica. E outros dois meses na Ilha da Trindade, que acabaram virando quase 6 meses contínuos, entre dezembro de 2006 e maio de 2007. No retorno de Trindade, o casamento no Brasil (tinha surgido a segunda grande mulher da minha vida, depois da minha mãe), o último cruzeiro na pesca e a viagem para a Escócia, agora com a Carol, que tinha recém concluído o mestrado. De qualquer forma, os três anos não foram um problema, pois a maturidade, naquele momento, me fez encarar o doutorado como uma oportunidade única. É verdade que as outras oportunidades eu também tinha agarrado com unhas e dentes. Mas o objetivo maior era fazer uma tese de destaque a fim de que pudesse voltar ao Brasil e prestar um concurso em alguma Universidade Federal. O objetivo estava traçado e sabia como alcançar: precisava ser competitivo quando retornasse, vários concursos ocorrendo (REUNI acontecendo) e uma vaga em mente – vaga em vertebrados na FURG sairia em algum momento. Com isso em mente e sabendo qual o caminho deveria trilhar, nunca parei de publicar. Fins de semana ou trabalho no terceiro turno nunca foram novidade, desde a adolescência, depois a graduação e mestrado.

A tese ia de vento em popa, vários capítulos preparados, alguns já publicados, mas em abril de 2008 abre o concurso na FURG, “a minha vaga”, mas eu ainda teria três capítulos por finalizar, incluindo o capítulo principal da tese. A inscrição fecharia logo, não havia como fazer a inscrição, preparar-me minimamente e retornar ao Brasil para o concurso, além de concluir o doutorado. Não dava. Foi desesperador, a vaga tão esperada estava perdida. Os sogros Maris e Chico estavam nos visitando em Glasgow, tínhamos viagem de turismo marcada para a França e Espanha, mas eu decidi ficar em Glasgow e terminar em um mês. O ritmo de trabalho já estava

estabelecido há muito tempo - pelo menos 14 horas de trabalho, incluindo sábados e domingos. Na semana seguinte entreguei ao Furness três manuscritos. E a tese foi entregue à banca em junho, dois meses antes de completar os 36 meses. A defesa ocorreu em julho, e na banca estava o Dr. Richard Phillips (British Antarctic Survey), indicado em sigilo por meu orientador. Regras estranhas por lá, mas fiquei feliz com a escolha. Ele havia sido o substituto do Croxall em Cambridge e não pôde me orientar anos antes.

Em 251 páginas estavam 12 capítulos e três anexos. Destes, dez artigos já publicados ou submetidos para revisão, que posteriormente foram publicados faziam parte do corpo da tese, além de dois artigos nos anexos. Estes últimos foram publicados muito cedo ou redigidos por colaborador com amostras do doutorado e que, portanto, não fizeram parte da tese principal⁴. Após a seção fechada por longas cinco horas de arguição restrita (só a banca e um mediador), meu orientador anunciou, antes preocupado porque a porta da sala onde ocorria a defesa fechada não abria nunca, que eu estava aprovado. Mencionou ainda que eu havia demonstrado que era possível concluir em três anos e publicar, na época, cinco artigos da tese, além de outros seis em revisão. E, óbvio, me presenteou com uma garrafa de malte escocês (Figura 6).



Figura 6. Celebração da defesa de doutorado na University of Glasgow em meados de 2008. No canto esquerdo, o malte.

⁴ Artigos destacados ou comentados na seção de produção científica.

Missão cumprida, era hora de gerar a versão final e voltar para casa. Mas antes, bolsa da CAPES cancelada, afinal eu havia concluído antes do prazo e o mês base era o mês da defesa. Porém não eram meses extras, era o mês para finalizar os trâmites burocráticos e entregar a versão corrigida. Após recurso ao Presidente da CAPES e a bolsa restituída, o retorno ao Brasil. Alguns convites para permanecer na Europa foram tentadores – Inglaterra, Espanha, Alemanha. Mas a exigência da CAPES de retorno e permanência por igual período no Brasil, os planos futuros de se estabelecer no país, a saudade da convivência latina e um leve desconforto: precisava retribuir um pouco do que tinha recebido do país, dos brasileiros que pagam impostos para sustentar a universidade e a pesquisa. Meu lugar era aqui e meu senso de compromisso indicava que havia chegado a hora de pagar a conta.

7. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Ensino

Esta seção é um tanto mais sóbria que as anteriores. Não contém tantos detalhes e a narrativa também tem outro tom, pois está baseada na descrição, um tanto fria, de diversas atividades profissionais, análise de alguns números e demonstração da trajetória profissional, após o ingresso como professor efetivo. Quando relevante, menciono atividades que ocorreram anteriormente.

7.1. Atuação docente professor efetivo

Conforme mencionei em item anterior, a experiência docente iniciou pra valer com o contrato de professor substituto na área de Zoologia, DCMB-FURG. Antes disso, apenas algumas palestras, alguns minicursos, e a participação em estágio de docência no mestrado, em aulas práticas com aves marinhas – Nectologia.

Como professor substituto atuei entre 2003 e início de 2005 (Figura 7) com a Licenciatura em Ciências Biológicas, na primeira turma do curso da FURG, nas disciplinas de “Diversidade Animal I, II e III”. Também atuei nas disciplinas de “Zoologia” para os cursos de Química – Licenciatura e “Zoologia de invertebrados II” para a Oceanologia – Bacharelado, ao longo de 2 semestres. Ainda, no último semestre, propus uma disciplina optativa “Tópicos Especiais em Biologia II – Ornitologia”. As aulas das disciplinas eram teóricas, mas também práticas, focadas em invertebrados. Retroprojeter e lâminas produzidas a partir de recortes de fotocópias,

cuidadosamente montadas para otimizar o espaço da folha. A turma era excelente, tenho ex-alunos que são amigos ainda hoje, e alguns colegas. Na disciplina de Ornitologia, uma saída de campo para o Taim, e um relatório sobre impactos ambientais de um empreendimento hipotético.

A partir de muitos erros e alguns acertos, algumas tentativas e muito aprendizado, começava a moldar o professor. Inicialmente eu não queria dar aula, afinal, iria virar novamente bancário se tivesse que ir para a sala de aula. Mas era legal, o resultado de uma boa aula vinha de imediato. A satisfação dos alunos na volta ao final da aula, perguntando coisas que não tiveram coragem de perguntar durante a aula, compartilhando ideias de materiais, de projetos para pesquisa. Como eu gostava de ver os olhares impressionados, as expressões de surpresa! O resultado de uma aula é percebido de imediato. Saía “flutuando” pelos corredores do Pavilhão 6 quando tinha dado certo. Mas outras aulas, nem tanto, frustração, refletir sobre o que não deu certo, tentar de novo em outro formato. Justo eu que tinha escolhido a Graduação com ênfase em Zoologia para não ter que trabalhar com humanos estava aprendendo a lidar com estudantes e gostar disso. E era o único caminho, no Brasil, para estar em campo, orientar estudantes de pós-graduação e fazer pesquisa.

Também durante este período na FURG tive as primeiras experiências com orientação formal. Ao todo, três estudantes de bacharelado em Ciências Biológicas realizaram e defenderam seus Trabalhos de Conclusão de Curso sob minha orientação em 2004 e 2005, com temas de frugivoria, encalhes de tartarugas marinhas e comportamento de forrageio de mergulhões. Uma quarta aluna, graduanda em Oceanologia, iniciou o projeto de iniciação científica no período, e viria a concluir em 2008, também com minha orientação formal.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
SUPERINTENDÊNCIA DE ADMINISTRAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

TERMO ADITIVO AO CONTRATO DE PESSOAL POR TEMPO DETERMINADO

Pelo presente instrumento particular que entre si ajustam de um lado a FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Instituição Federal de Ensino Superior, com sede nesta cidade à rua Eng. Alfredo Huch, nº 475, a seguir denominada simplesmente CONTRATANTE, neste ato representada pelo Superintendente de Administração de Recursos Humanos, e de outro lado ao(a) Sr.(a) **LEANDRO BUGONI**, lotado(a) no DEPTO. CIÊNCIAS MORFO-BIOLÓGICAS, cédula de identidade nº 1055849127, inscrito no CIC sob nº 623.198.500-82, a seguir denominado(a) simplesmente CONTRATADO(A), resolvem **aditar** ao contrato de prestação de serviços para atendimento de necessidade temporária e excepcional interesse público, nos termos e na forma determinada pela lei 8.745 de 09/12/93, que teve início em **03/09/2003**.

CLAUSULA PRIMEIRA - Por necessidade premente desta Instituição o referido contrato fica **prorrogado até 30/06/2005** conforme dispõe o art. 4º, inciso III, parágrafo 3º da Lei nº 9849, de 26/10/99.

CLÁUSULA SEGUNDA - Permanecem em vigor as demais disposições contratuais.

Rio Grande, 16 de dezembro de 2004.



LEANDRO BUGONI



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Figura 7. Contrato de professor substituto na Universidade Federal do Rio Grande – FURG, entre 2003 e 2005.

Na University of Glasgow também tive a oportunidade de atuar como professor durante dois semestres (*Graduate Teaching Assistant*), atendendo às aulas práticas dos alunos de graduação. Turmas imensas em que os assistentes trabalhavam com grupos menores na disciplina de *Biology Level I and Level II* (Figura 8). Além da experiência muito desafiadora de explicar em outra língua, foi útil no aprimoramento da comunicação e ajudava bastante no apertado orçamento doméstico.



Ref AW / JS

12/03/2009

CAPES Foundation
 Ministerio da Educacao
 Coordenadoria de Bolsas e Auxilios
 no Exterior
 Caixa Postal 00365
 CEP - 70359 - 970 Brasilia - DF
 Brazil

Dear Sir / Madam

Leandro Bugoni

Candidates studying for PhD (Doctor of Philosophy) degree based at the Faculty of Biomedical and Life Sciences carry out a research project under the supervision of one or more members of academic staff who may be members of staff of the University or of one of its associated institutes. The minimum period of full-time study is 3 years. Students have no specific courses with formal exams. However, a range of generic research training and development courses are available, for instance safety course, presentation skills, use of library resources, research ethics in the biosciences, fieldwork safety, applied statistics, use of a range of software's and preparing for the viva, among others.

Candidates are required to produce a thesis which embodies the results of their research. The degree of PhD is awarded if the examiners consider the thesis to be of an appropriate standard and that the study makes a significant contribution to knowledge in the field.

Mr Bugoni was based at the Division of Ecology and Evolutionary Biology (DEEB) from September 2005 to September 2008, supervised by Professor Robert W. Furness. He attended the above mentioned courses, as well as regular divisional seminars and lectures. **From November 2007 to May 2008 he was Graduate Teaching Assistant at Biology Level 1 and Level 2 courses, working with the Biology Level 1 Team and undergraduate students in a weekly basis.** He also took part of the 'Bayesian and maximum likelihood approaches to data analysis course' from 5th-9th May 2008 with a total of 40h, organized by the Theoretical Ecology Group, which had Dr. Juan Morales as instructor.

Research at DEEB is involved with all aspects of organismal biology, from molecular evolution and ecology through to studies of populations and communities. Division focuses on whole organisms and is the "home" for the undergraduate degree courses in Zoology and in Marine and Freshwater Biology, as well as postgraduate courses (Master and PhD).

Research in the Division covers a wide range of both organisms and topics. There are five research disciplines within this research area, all of which employ a combination of experimental, observational and theoretical modelling approaches to both pure and applied projects. The Ornithology and Fish Biology groups embrace a broad range of studies on behaviour, ecology and life history patterns, using these taxonomic groups as study systems.

Director: Professor Alan C Taylor
 Administrator: Mr Alastair Whitelaw

Graduate School Office
 Faculty of Biomedical & Life Sciences
 Bower Building, University of Glasgow, Glasgow G12 8QQ, UK
 Tel: +44 (0)141 330 5800 Fax: +44 (0)141 330 6093
 Email: Biograd@glg.ac.uk www.gla.ac.uk/ibls/GradSchool

The University of Glasgow, charity number SC004401

Figura 8. Declaração da Unidade Acadêmica em Glasgow e que incluem a atuação como Professor Assistente de biologia para alunos da graduação.

7.2. Ingresso no ensino superior

Poucos meses após o retorno ao Brasil é lançado concurso para professor de Ecologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Começam os estudos e a inscrição é feita. Não sem percalços, já que a inscrição não foi homologada, com a justificativa de que ainda não tinha diploma reconhecido no país. Este documento somente deve ser exigido na posse, conforme

decisão do Supremo Tribunal Federal. Cabia recurso e o fiz ao Conselho Superior da Universidade, com a inscrição, enfim, homologada. O concurso, bastante desgastante, foi realizado, e obtive o primeiro lugar. Afinal, só havia uma vaga e para o segundo lugar não tinha emprego. Iniciava a corrida para reconhecimento do diploma em tempo para a posse. Novamente, Profa. Sandra Hartz conduziu o reconhecimento no PPG em Ecologia da UFRGS. Em 06 de agosto de 2009, completava 32 anos e tomava posse na UFPEL. Atuei nas disciplinas de “Ecologia de Ecossistemas” para Ciências Biológicas- Bacharelado ao longo de um semestre e nas disciplinas de “Ecologia”, para Engenharia Agrícola e Engenharia Sanitária e Ambiental. O ambiente no departamento onde eu trabalhava não era dos melhores e por algumas vezes considerei pedir demissão. Para piorar, a Carol tinha tomado posse como Analista Ambiental do ICMBio em Altamira, Pará, no mesmo momento da minha posse no sul. Antes mesmo da posse nas UFPEL submeti edital ao CNPq - Edital Pró-arquipélago e tive projeto aprovado: recursos para equipamentos, bolsas de Iniciação Científica, insumos para trabalhar com aves marinhas nas ilhas tropicais e os primeiros equipamentos de pesquisa. Mas foi difícil o período de adaptação, destoava das universidades públicas que havia passado. Em paralelo, convite para atuar na Pós-graduação em Oceanografia Biológica na FURG. Com recursos para executar o projeto, não demorou muito para conseguir a primeira orientação, Patrícia Mancini, doutorado, inicialmente como coorientador até que o ingresso no PPG fosse formalizado e a transferência de orientação fosse efetivada.

Em pouco mais de sete meses na UFPEL surge o convite para transferir-me para a FURG, realizada pelos Profs. Cléber Palma Silva e Edélti Faria Albertoni. Em momentos em que o desânimo já tomava conta devido à atuação na UFPEL, o convite foi prontamente aceito. Em 26 de maio de 2010 a redistribuição para a FURG estava publicada, embora eu ainda atuasse até o fim do semestre nas disciplinas na UFPEL.

7.3. Atividades de ensino na graduação

Durante dois semestres atuei na UFPEL nas disciplinas de “Ecologia de Ecossistemas” para o curso de Ciências Biológicas - Bacharelado, “Ecologia” para os cursos de Engenharia Agrícola e Engenharia Industrial Madeireira, e “Ecologia Geral II” para o curso de Engenharia Sanitária e Ambiental.

Na FURG atuei desde 2010 nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, nas disciplinas de “Ecologia geral” e “Ambiente e sustentabilidade”; no Bacharelado em Ciências

Biológicas - “Ecologia do organismo”, “Ecologia de ecossistemas; “Pesquisas em ecologia”, “Pesquisas em biologia”, “Limnologia”; para o curso de História na disciplina de “Princípios de ecologia”; para o curso de Educação Física – Licenciatura na disciplina de “Ecologia”; e para o curso de Oceanologia – Bacharelado, nas disciplinas de “Nectologia”, “Introdução à limnologia”, “Biodiversidade de vertebrados marinhos” e “Ecologia do nécton marinho”. As disciplinas foram ministradas tanto como docente exclusivo quanto em colegiado com docentes do Instituto de Ciências Biológicas ou do Instituto de Oceanografia. Entre 2021 e 2024 não foram ministradas aulas na graduação devido às atividades de gestão como Diretor de Pesquisa. Nas disciplinas de graduação ministradas entre 2010 e 2019, em que pese diversas disciplinas terem sido ministradas em colegiado, a avaliação do docente realizada por 2722 discentes resultou em uma nota de $8,77 \pm 1,02$ de um total de 10 pontos possíveis.

7.4. Atividades de ensino na pós-graduação

Na Pós-graduação atuo como docente Permanente em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais (PPGBAC) e em Oceanografia Biológica (PPGOB), ambos na área de Biodiversidade, desde 2010. Fui responsável pelas disciplinas de “Seminários de Qualificação” para discentes de mestrado no PPGBAC, entre 2011 e 2019 em disciplina colegiada. Para ambos os cursos foi ministrada regularmente a cada dois anos, entre 2010 e 2024, a disciplina de “Tópicos Especiais em ecologia de aves marinhas”, substituída em seguida por “Biologia de aves aquáticas”. Na Avaliação do Docente pelo Discente a nota média atribuída à disciplina foi de $9,92 \pm 0,1$.

7.5. Orientações na graduação

A atuação como orientador em nível de graduação ocorreu desde o período como professor substituto na FURG (2003-2005), para alunos de Oceanologia, e Ciências Biológicas-Bacharelado e Licenciatura. Algumas destas orientações iniciais resultaram em TCCs e em artigos (por exemplo D’Ávila *et al.* 2010, *Biota Neotropica* e Gomes-Jr. *et al.* 2009, *Waterbirds*), além de apresentações em eventos científicos. Como bolsistas de Iniciação formais (CNPq), as primeiras orientações ocorreram na UFPEL, como parte de projeto aprovado junto ao CNPq e que previa duas bolsas IC. Uma destas estudantes (Fernanda Marques) deu continuidade e concluiu o trabalho de graduação na UFPEL sob minha orientação com isótopos estáveis em penas de aves marinhas do Atol das Rocas. Também veio a realizar o mestrado em Oceanografia Biológica

posteriormente, com ecologia trófica de pinguins. Seguiram-se regularmente as orientações em nível de graduação, com muitos bolsistas de iniciação científica, em especial do Bacharelado em Ciências Biológicas, mas também da Licenciatura no mesmo curso, além da Oceanologia e até da Engenharia Bioquímica. Sempre houve pelos menos dois ou três, mas em alguns momentos até cinco bolsistas de iniciação, muitos dos integrantes de projetos com financiamento, que fazia questão de incluir. Bolsas de IC foram recebidas da Universidade regularmente desde 2011. Até 2025 foram 17 trabalhos de conclusão de graduação concluídos, cerca de um a cada ano. Atualmente cinco estudantes de graduação, dos quais quatro bolsistas e um voluntário, participam das atividades no laboratório.

7.6. Orientações na pós-graduação

A primeira orientação em nível de Pós-graduação concluída, *lato sensu*, a única nesta modalidade, ocorreu em outubro de 2010 (Especialização em Ecologia Aquática Costeira), sobre a comunidade de aves na Praia da Capilha, às margens da Lagoa Mirim, do biólogo Augusto Silva Costa. Em 2012 houve o primeiro mestrado, também do mesmo autor, com ecologia trófica do gaviotão *Larus dominicanus*, seguido de vários mestrados em ambos os cursos de Pós-graduação. Já em 2013, concluía a primeira orientação de doutorado (em Oceanografia Biológica), da Patrícia Mancini, com estrutura das comunidades de aves marinhas nas ilhas tropicais brasileiras.

Ao longo deste período foram concluídos sob minha orientação 22 mestrados, em ambos os cursos, além de duas coorientações. Em nível de doutorado, foram concluídas seis teses, além de três coorientações. Duas destas coorientações foram na Universidade do Porto (Portugal – Carol Lemos) e University of Otago (Nova Zelândia – Nicholas Daudt), ambos com ecologia de aves marinhas. Atualmente estão no laboratório dois mestrandos e sete doutorandos (dentre os quais duas são coorientações, uma delas em Bioquímica na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC).

7.7. Supervisão de pós-doutorado

Em nível de pós-doutorado diversas foram as supervisões. A primeira delas foi com bolsa CAPES vinculada ao PPGBAC, entre 2011 e 2013, com a temática “A Coleção de Aves da FURG e o ensino de ornitologia/zoologia” (Giovanni Maurício). Diversos outros pós-doutorados sucederam-se, i.e., o laboratório sempre contou, desde então, com pós-doutorandos. Algumas

das bolsas foram da Fundação RENOVA (Programa de Monitoramento da Biodiversidade Aquática do Rio Doce - PMBA), Projeto Bacia de Santos coordenado pela USP e recursos da Petrobrás, bolsistas CEMAVE/ICMBio, e projeto Talude. Ao todo foram dez supervisões de bolsistas de pós-doutorado, com aves aquáticas, marinhas e costeiras, além de tartarugas marinhas.

7.8. Bancas de graduação, pós-graduação, qualificação e concursos

A primeira banca de conclusão de curso que participei como avaliador ocorreu em 2002, na FURG, logo após a conclusão do curso de mestrado. Nos anos seguintes, concomitante ao período de atuação como professor substituto, foram sete bancas de graduação. Desde então foram 131 bancas de conclusão em todos os níveis - graduação, especialização, mestrado e doutorado, no Brasil e exterior. A distribuição das participações nas bancas está ilustrada na Figura 9. As bancas de mestrado predominaram (55 bancas), seguida por graduação (41) e doutorado (29 participações). Obviamente as bancas na FURG predominaram (94 bancas), mas houve participações em bancas de pós-graduação nacionais desde o Amapá (UNIFAP), passando por Alagoas (UFAL), Brasília (UNB), Rio de Janeiro (UERJ), Paraná (UFPR), Santa Catarina (UFSC) e Rio Grande do Sul (UFRGS, PUCRS, UNISINOS, FEEVALE, UFPEL) dentre outras. Destaco a participação em bancas de doutorado no exterior, na Universidad de Buenos Aires (Argentina), Rhodes University e University of Cape Town (África do Sul).

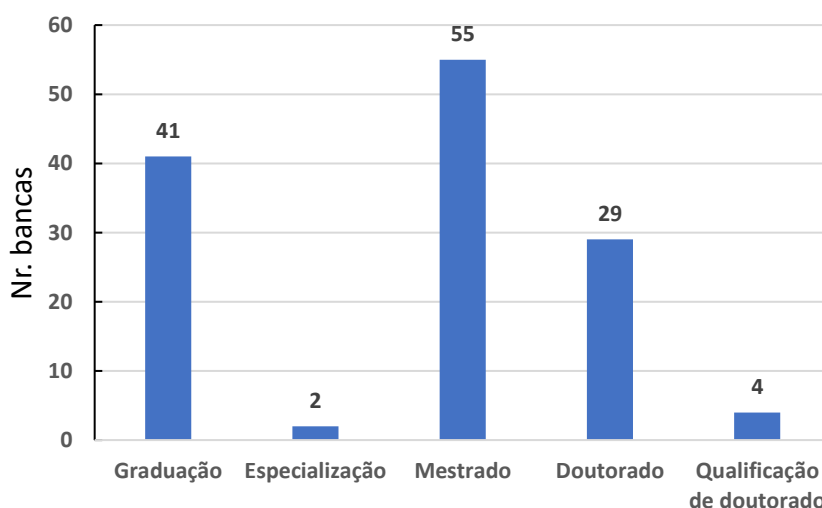


Figura 9. Distribuição das participações em bancas de trabalho de conclusão (graduação, especialização, mestrado e doutorado) e qualificação de doutorado (n = 131 bancas) no Brasil e exterior, separados por categoria/nível.

Em concursos participei de quatro bancas na FURG, duas para seleção de professor substituto/assistente, e duas para professor efetivo (Adjunto).

8. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Gestão

8.1. Coordenação de Pós-graduação

O início das atividades na FURG em meados de 2010 veio junto com a indicação, logo nos primeiros meses, de coordenar o PPG em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais (PPGBAC), a partir do início de 2011. Neste momento o curso também recebeu a comunicação de rebaixamento do conceito, de 4 para 3 na avaliação 2007-2009, o que indicava situação perigosa e impossibilidade de abertura do doutorado. O PPGBAC, em funcionamento desde 2006, teve as primeiras defesas de mestrado ao final de 2007 e já contava, até 2010, com 24 dissertações concluídas. Porém a produção científica era extremamente baixa e havia passado por uma avaliação parcial pela CAPES, destinada a cursos novos, com a manutenção da nota. Em 2010 veio a queda e as consequências. Claramente havia a necessidade de uma reformulação profunda no PPG. O regimento foi discutido e atualizado, a prospecção de novos docentes foi iniciada, e a avaliação dos docentes do PPG foi realizada. Para aqueles docentes com diversas orientações, foi estabelecido o Índice de Produção Docente (IPD), no qual a produção (artigos publicados com participação de discentes do curso) era quantificada para cálculo do índice, e novas vagas de orientações pudessem ser autorizadas pela coordenação em cada edital de seleção de mestrandos. Embora sem resultados imediatos, a estratégia deveria surtir efeito já no próximo ciclo de avaliação, corrigir distorções no corpo docente, além de evitar distorções futuras. O índice segue sendo utilizado pelo curso, o que parece ser um indicativo de sucesso.

Em seguida, com o acompanhamento regular anual da produção do corpo docente e discente, discussões e apresentações regulares ao corpo docente do Programa, optou-se pelo envio de proposta de doutorado em 2012. A produção científica iniciava a recuperação após os ajustes, e a construção da proposta de doutorado e envio para avaliação da CAPES tinha a expectativa de aumento da nota no período avaliativo 2010-2012. Em que pese a nota impedir a aprovação, a proposta foi elaborada e submetida. Neste envio, com a justificativa de que não havia nota compatível para abertura de doutorado, a proposta foi rejeitada, mas com diversas recomendações, que permitiram o aprimoramento da proposta e envio no ano seguinte. Assim,

em 2014, o curso iniciava as atividades, já no segundo ciclo como coordenador. Durante o período, participava também como um dos responsáveis pela disciplina de “Seminários de Qualificação” do Mestrado, no qual os projetos eram apresentados e defendidos pelos ingressantes, ainda no primeiro semestre de curso. Além da própria Comissão de Coordenação do PPG, a participação em diversos Comitês e Comissões, oriundos da ocupação do cargo por dois mandatos (4 anos), ocorria regularmente. Dentre estes havia o Conselho do Instituto de Ciências Biológicas (CICB), o Comitê de Pós-graduação (CPG) e pareceres emitidos para consideração pelo Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração (COEPEA).

Era hora de promover a transição, e nos dois anos seguintes ocupei a posição de Coordenador Adjunto do PPG-BAC. Participei desde o início do Doutorado, e nos anos subsequentes, até 2019, da Comissão de Seleção do Doutorado do Programa. Neste período também fui indicado pelo ICB para representar o Instituto no Comitê de Ciência, Tecnologia e Inovação (CCTI), vindo a ocupar a presidência do Comitê entre 2017 e 2019, quando solicitei a saída da presidência, por ocupar a Diretoria de Pesquisa (DIPESQ) e entender que o Comitê necessitava de independência para assessorar a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação. Continuei ocupando uma posição no Comitê, inerente ao cargo na DIPESQ, até o final de 2024.

A participação no PPGBAC foi intensa, diria até visceral, pois o aumento do conceito e a abertura do doutorado viraram questões de honra, e um enorme desafio. Foi um momento de bastante sofrimento, mas grande aprendizado, que me prepararam para os desafios seguintes. Também tive, em 2013, as duas primeiras defesas de mestrado no curso. Falta ainda a conclusão de doutorados neste PPG, o que deverá ocorrer em breve, já que há no momento duas orientações neste nível.

8.2. Direção de Pesquisa e Pró-reitoria

Em 2016 o futuro Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação, Prof. Eduardo Secchi, realiza o convite para ocupar a Diretoria de Pós-graduação. Declinei na ocasião. A terceira mulher da minha vida havia chegado, minha filha Marina (que outro nome ela poderia ter?). Não tardou muito, pois ao final de 2018, com a redistribuição do Diretor de Pesquisa para outra instituição, o Prof. Eduardo pede que ocupe a Diretoria de Pesquisa - DIPESQ - durante os anos seguinte, até o fim da gestão em curso. Era um período com horizonte sombrio, pois a eleição presidencial recém havia sido finalizada. A perspectiva era de escassos recursos para a pesquisa e desmonte

das Instituições Federais. Como disse na ocasião o candidato derrotado Prof. Fernando Haddad: “- Verás que um filho teu não foge à luta!” Não havia outra opção possível naquele momento. Sabia que não era momento de colher frutos, mas de resistir e defender a Universidade Pública e a pesquisa brasileira. Soubesse eu das dificuldades da política e de uma pandemia por vir, talvez eu tivesse zelado mais pela própria sanidade física e mental. Ao final de 2020, após meses de pandemia e uma Mostra da Produção Universitária que coordenei e tivemos que construir em formato virtual inédito, em paralelo com aulas na graduação adaptadas ao sistema remoto, absolutamente exausto, reforcei minha intenção de deixar o cargo ao final da gestão. Não havia como conciliar aulas, orientações, projetos de pesquisa muito grandes e desafiadores, com uma atuação qualificada e que demanda muito na Direção de Pesquisa.

Logo surgiu a possibilidade de haver um professor visitante para ministrar as aulas na graduação, o que liberaria bastante tempo e dedicação das diversas disciplinas descritas em seção anterior, para as atividades e diversos desafios que a DIPESQ requeria. Após dois anos de aprendizado num mandato tampão, mas num formato disfuncional imposto pela pandemia, parecia a hora de consolidar diversas realizações e qualificar a pesquisa na Universidade. O desafio para mais quatro anos foi aceito. Valeu cada momento, com grandes realizações junto aos colegas da PROPESP, dos quais muito me orgulho, e descrevo brevemente os principais avanços e conquistas. A seção a seguir foi elaborada a diversas mãos pela equipe da PROPESP como Relatório de Gestão, ao final de 2024, e distribuído a diversas instâncias da Universidade, como uma prestação de contas. O suporte e dedicação da equipe PROPESP foi fundamental para as diversas realizações, aos quais sou muito grato: Cícero Vassão, Gabriela Rezende, Renata Noble e aos Coordenadores de Bolsas Institucionais (Profs. João Prolo e Dinalva Sales), depois Coordenadores de Projetos Institucionais (Profs. Diana Adamatti e Tito Cadaval Junior), e obviamente o Pró-reitor Eduardo Secchi. Também estendo o reconhecimento aos técnicos dos Centros Multiusuários – Carol, Rud, Virgínia, Jean, Rose e Diego.

Além das realizações descritas a seguir nestes seis anos à frente da DIPESQ, destaco ainda os períodos em que acumulei a função de Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação, por dias ou semanas, em substituição ao Pró-reitor afastado. A função foi exercida durante cerca de dois meses no total. Eram outros os desafios numa função que possivelmente é o nível mais alto que julgo poderia exercer com qualidade, dada minha trajetória e pretensões. Mais que isso acho não estar à altura, e muito distante de minhas aspirações profissionais.

Aumento no número de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica: Apesar das dificuldades impostas pela pandemia, pelo cenário político desfavorável à ciência e ao ensino superior, e ao orçamento extremamente limitado dedicado às Universidades Federais, no período 2019-2024 houve um substancial aumento no quantitativo de bolsas de Iniciação (IC e IT). Com exceção das bolsas PDE/EPEC, mantidas com recurso do orçamento próprio, as quais tiveram recomposição do valor em 2022, equiparadas aos demais financiadores, mas cujo quantitativo permaneceu inalterado, todos os demais financiadores e modalidades tiveram aumento no período (Figura 10). O aumento, de 297 bolsas em 2019, para 385 bolsas em 2024, representa um acréscimo de 29,6% no quantitativo total.

Atribui-se o bom desempenho à eficiência na implementação das cotas de bolsas recebidas, sem bolsas ociosas, às políticas de inclusão e distribuição horizontal atendendo maior número de pesquisadores, além de um eficiente preenchimento das propostas e relatórios aos financiadores. Nestes documentos são enfatizados o aprimoramento do programa, da avaliação realizada através do Congresso de Iniciação Científica (CIC), e mais recentemente do Congresso de Inovação Tecnológica (CITec), ambos parte da Mostra da Produção Universitária (MPU), dos avaliadores externos e do prêmio Destaque, cujos bolsistas do CNPq ganhadores estão aptos a participarem do Prêmio Jovem Pesquisador Nacional realizado pelo CNPq. Atualmente a FURG distribui anualmente, direta ou indiretamente (através do CNPq e FAPERGS) o montante de R\$ 3.240.000,00 em bolsa de pesquisa aos graduandos.

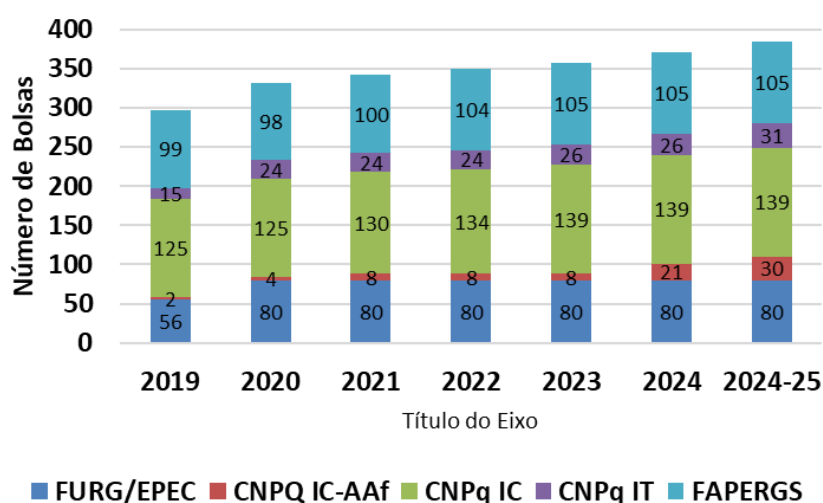


Figura 10. Aumento no número de bolsas de Iniciação Científica (IC) Tecnológica (IT), por modalidade e financiador, entre 2019 e 2024.

Unificação dos editais de bolsa IC/IT e automatização dos procedimentos: Outra ação importante no âmbito da DIPESQ foi a unificação dos Editais de Bolsas de Iniciação Científica e Inovação Tecnológica, dos financiadores (CNPq, FAPERGS e recursos do orçamento próprio – Programa PDE-EPEC) e de distintas modalidades (IC e IT) num edital único, e a simplificação do processo de submissão e avaliação das propostas. A unificação reduziu de cinco para um edital, o que resulta em lista única de classificação dos proponentes, redução da burocracia e simplificação dos procedimentos. A automatização foi possível após intensa participação do Centro de Gestão de Tecnologia da Informação (CGTI), da Pró-reitoria de Inovação e Tecnologia da Informação. Os pedidos das bolsas tornaram-se totalmente online, sem formulários externos a serem enviados por email, distribuídos aos avaliadores ou inseridos no Sistema FURG. Além disso, o preenchimento das planilhas de pontuação do Currículo Lattes foi eliminado, pois as informações de extração e pontuação foram automatizadas, i.e., os dados são obtidos da Plataforma Lattes diariamente pelo CGTI, armazenados na FURG, e aplicados para gerar a pontuação dos proponentes, simultaneamente. Essas alterações reduziram as chances de erro e desclassificação das propostas e eliminaram a necessidade de conferências posteriores pelos avaliadores, tornando o processo mais ágil e permitindo que a equipe da DIPESQ/PROPESP avançasse em outras ações para qualificar o processo. Para os pesquisadores, o tempo de envio de plano de trabalho de bolsas, vinculado a projeto aprovado e registrado no SISPROJ, foi reduzido a cerca de 10 minutos, ao invés de várias horas utilizadas para gerar manualmente sua pontuação, a ser conferida posteriormente pelos avaliadores. Com isso, um maior número de pedidos de bolsas passou a ser recebido a cada edital. A implementação dos procedimentos automatizados ocorreu após análise que demonstrou estarem na Plataforma Lattes os dados de produção e atividades mais atualizados e completos dos pesquisadores, além de haver elevada correlação entre a pontuação obtida manualmente e a automática, para todas as áreas do conhecimento. Neste sentido, o edital unificado permite a distribuição das bolsas de iniciação a partir de uma lista única e atendendo a um número maior de pesquisadores, de forma que, considerando todos os editais lançados pela Instituição (FURG) para concessão de bolsas de Iniciação Científica e de Iniciação Tecnológica e Inovação (EPEC, FAPERGS e CNPq), os proponentes não poderão acumular mais do que 2 (duas) cotas de bolsa de Iniciação Científica e 2 (duas) cotas de bolsa de Iniciação Tecnológica e inovação. E a partir de 2024, um máximo de 3

bolsas podem ser obtidas por pesquisador. Com isso, um maior número de pesquisadores pode ser atendido <https://www.furg.br/noticias/noticias-institucional/furg-atende-maior-numero-de-pesquisadores-com-bolsas-de-iniciacao-cientifica-e-tecnologica>

Por recomendação da Controladoria Geral da União e órgãos de controle internos, a FURG oficializou a criação, em 2022, do Programa de Iniciação Científica (Portaria PROPESP 01/2022 [https://conselhos.furg.br/arquivos/portaria/Portaria Normativa/Portaria 1 2022 PROPESP IC.pdf](https://conselhos.furg.br/arquivos/portaria/Portaria_Normativa/Portaria_1_2022_PROPESP_IC.pdf)). Embora na prática este programa funcionasse há décadas, um documento norteador dos princípios gerais do Programa é importante uma vez que formaliza o entendimento da instituição quanto ao fomento dedicado aos graduandos da FURG na forma de bolsas de Iniciação. Além disso, elenca os princípios gerais que servem de base aos editais anuais de bolsa e, desta forma, contribui para a simplificação do edital de bolsas anual lançado pela PROPESP.

Elaboração de Diretrizes de Boas Práticas na Pesquisa e Integridade Científica: Este documento foi produzido com o objetivo de servir como uma orientação geral norteadora das atividades científicas em diferentes níveis de formação acadêmica, desde o ingresso na universidade até a publicação científica definitiva, ou seus impactos na sociedade e divulgação na mídia. Pesquisadores e estudantes poderão beneficiar-se de um documento com recomendações sobre procedimentos gerais de boas práticas e integridade na pesquisa, bem como as fontes de consulta para subsidiá-las. O documento indica um conjunto de procedimentos em todas as etapas de pesquisa, que vale para ambientes de laboratório, de campo, de publicação e de como proceder, além dos conflitos de interesse, envolvidos com as boas práticas na pesquisa em geral. O documento foi elaborado a partir de ampla consulta a fontes sobre o tema e diretrizes de financiadores e instituições, do país e do exterior. As versões prévias do documento foram revisadas por diversos Comitês, como o de Ética em Pesquisa (CEP), de Ética em Uso Animal (CEUA), de Pós-graduação (CPG), e de Ciência, Tecnologia e Inovação (CCTI), pelas coordenações de curso e pelas unidades acadêmicas. Espera-se que as 35 páginas de diretrizes (Figura 11) cheguem a todos os ambientes de pesquisa e acadêmicos em geral - para alunos da graduação, da pós-graduação, e em diferentes disciplinas -, e sejam aprimorados e ampliados a partir do debate e adequação aos novos cenários que se apresentem. Uma das novidades recentes, não incluída no documento, por exemplo, está o uso (e abuso) da inteligência artificial no meio

acadêmico e científico. Link para acesso:

[https://propesp.furg.br/images/legislacoes/Diretrizes boas praticas pesquisa.pdf](https://propesp.furg.br/images/legislacoes/Diretrizes_boas_praticas_pesquisa.pdf)



Figura 11. Página inicial do documento orientador sobre as boas práticas na pesquisa e integridade científica, publicado em 2022. O documento completo está disponível no link indicado no texto.

Crescimento e qualificação da produção científica da FURG: Um dos indicadores de avanço na produção científica qualificada da FURG é o número de artigos indexados publicados por pesquisadores da instituição. Para aferir este número utiliza-se a busca na *Web of Science™* da empresa *Clarivate Analytics*. De modo geral a FURG tem apresentado um crescimento superior a 10% ao ano ao longo da série histórica acompanhada desde 2013 (Figura 12). Sem dúvida isso se deve ao conjunto de avanços ao longo dos anos, desde a ampliação promovida pelo REUNI, mas recentemente também à ampliação do programa de compartilhamento de equipamentos e consolidação dos Centros Multiusuários, aumento de bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica, e de bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) e Desenvolvimento Tecnológico (DT) do CNPq, obtenção de recursos externos, em especial para equipamentos via FINEP, e a consolidação da Pós-graduação na FURG. Este conjunto de avanços contribuiu para a manutenção da pesquisa na FURG em elevado nível. Em 2022 a FURG ultrapassou pela primeira vez a marca de 1000 artigos indexados na *Web of Science*, contrastando com um declínio acentuado nas demais universidades federais do estado e do país no período imediatamente pós-pandemia. Um declínio de apenas 5% foi detectado somente em 2023, bastante posterior e de menor magnitude em comparação

às demais IFES. A perspectiva é de manutenção ou pequena redução no ano de 2024 (a ser aferido em meados de 2025)⁵.

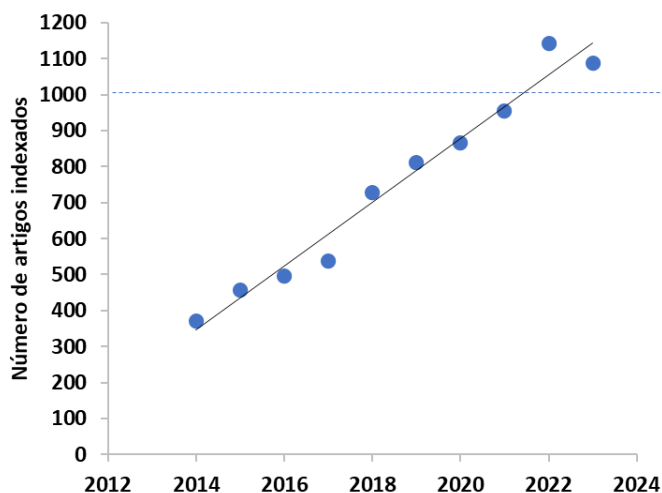


Figura 12. Variação no número de artigos publicados por pesquisadores da FURG e indexados na base de dados *Web of Science*.

Ampliação do número de bolsistas PQ e DT: A PROPESP adotou ao longo dos últimos anos uma estratégia contundente de estímulo aos pesquisadores para que submetessem propostas qualificadas aos editais anuais de bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) e de Desenvolvimento Tecnológico (DT) do CNPq. Dentre as ações, identificamos a cada ano os pesquisadores com elevada pontuação a partir da classificação nos editais de bolsas de Iniciação. São definidos como tal aqueles/as pesquisadores/as que atingiram pontuação semelhantes à de detentores de bolsas (PQ ou DT) dentro de cada área. Estes colegas são contatados com a indicação de que possuem chances de obtenção de bolsas. Adicionalmente, a DIPESQ elaborou uma lista de 15 dicas aos potenciais proponentes, a partir da opinião/conselhos recebidos de pesquisadores Nível 1 do CNPq e com ampla experiência na avaliação de propostas ([https://propesp.furg.br/images/15 Dicas para oseditais PQ e DT - final.pdf](https://propesp.furg.br/images/15_Dicas_para_oseditais_PQ_e_DT_-_final.pdf)). As dicas foram transformadas em *cards*, com narração, para divulgação em redes sociais. Por fim, a PROPESP instituiu, em 2022, o Comitê Carlos Chagas, formado por 19 pesquisadores de diversas áreas

⁵ De fato, a projeção da produção científica da FURG foi confirmada. Em 2024, com dados consolidados e pesquisados em outubro de 2025, a produção indexada da Universidade foi de 958 artigos.

(Portaria 1399/2022), os quais revisam as propostas de colegas antes do envio ao CNPq, contribuindo para o aprimoramento das mesmas e, assim, aumentando as chances de sucesso.

Como resultado destas ações, alinhado ao qualificado corpo técnico da FURG, fez com que o número de bolsistas PQ/DT aumentasse ao longo dos anos, atingindo valores máximos em 2024 (Figura 13). Há de se considerar que com bastante frequência ocorrem aposentadorias, transferências para outras instituições e mesmo falecimento de bolsistas da instituição. Hoje a FURG possui 11,7% dos professores doutores como bolsistas do CNPq.

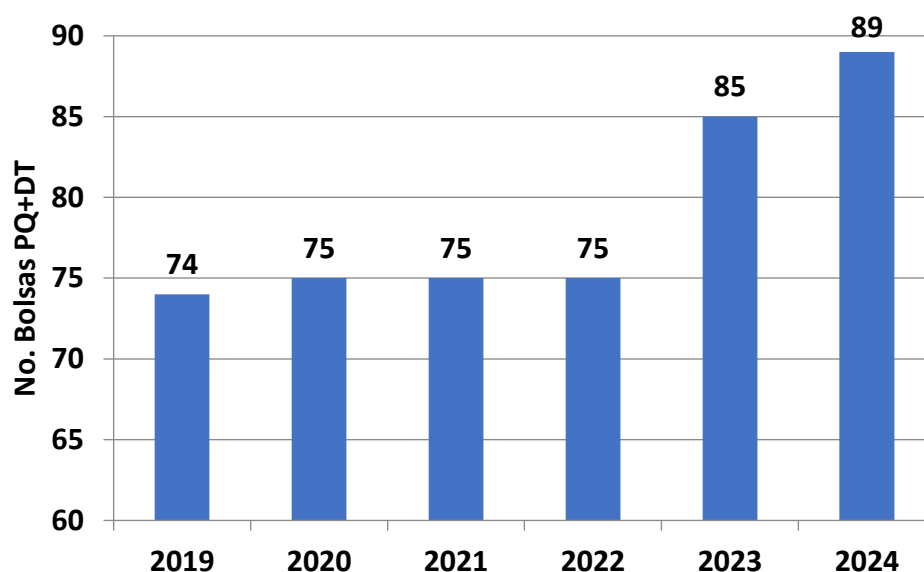


Figura 13. Número de bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ) e Desenvolvimento Tecnológico (DT) do CNPq ao longo dos anos na FURG.

Reestruturação e fortalecimento do Programa de Compartilhamento de Equipamentos Multiusuários – PROCEM: O Programa de Compartilhamento de Equipamentos Multiusuários, iniciativa pioneira da FURG em 2006, teve sua regulamentação rediscutida e atualizada a partir de 2023, com a nomeação de comitê *pro-tempore* instituído por portaria da PROPESP e composta por um representante de cada Unidade Acadêmica que dispunha de equipamentos no Programa. Foram realizadas reuniões periódicas e ao cabo foi proposta nova regulamentação do Programa. O documento foi discutido pelo CCTI ainda em 2023, apresentado em reunião pública em março de 2024 aberto à comunidade acadêmica, e aprovado pelo COEPEA em abril de 2024. À continuidade, o status de cada equipamento foi verificado pelos representantes, junto aos responsáveis pelos equipamentos listados. De posse destas informações o Comitê definiu a

permanência ou exclusão de equipamentos, conforme Resolução atual, o qual fica à disposição para implementação do programa nas próximas etapas.

Qualificação e Fortalecimento dos Centros Multiusuários: A partir de 2019 a FURG estabeleceu convênio com a FAURG que permitiu o recebimento de recursos oriundos de análises de amostras/prestação de serviços pelos centros multiusuários CEME (Centro de Microscopia Eletrônica) e CIA (Centro Integrado de Análises). As decisões da gestão dos centros são tomadas pelos Comitês Técnicos Científicos (CTCs) de cada centro, nas reuniões mensais ordinárias, ou por consenso através da manifestação por meios virtuais. A alocação de recursos para despesas é indicada pelos técnicos ou pelos membros do CTC. Melhorias na infraestrutura, compra de reagentes/consumíveis, pequenos reparos e mesmo a compra de equipamentos acessórios puderam ser realizados com recursos captados através deste convênio. Este cenário permitiu a redução do tempo de inoperância de equipamentos, com maior eficiência e otimização do uso dos mesmos pela comunidade universitária e externos; permitiu treinamento de técnicos, realização de eventos (por exemplo EMEECs), manutenções preventivas e corretivas.

Adicionalmente, durante a gestão houve qualificação de equipamentos de médio e grande porte nos centros multiusuários através da participação em editais FINEP. Neste período, aprovamos todos os editais de infraestrutura lançados pela FINEP. Em maio de 2022 foi inaugurado o Centro de Biodiversidade Subtropical da FURG (CBS) (Figura 14). Foram também obtidos em edital FINEP equipamentos de citometria, plataformas de imageamento 3D Nikon, com estereoscópio e microscópio, e sequenciador genético Oxford Nanopore para equipar o CBS. Mais recentemente, aprovamos integralmente a CHAMADA MCTI/FINEP/FNDCT/AÇÃO TRANSVERSAL/RECUPERAÇÃO - INFRA 2023 para manutenção, substituição e *upgrade* de equipamentos para CIA-FURG, CEME-SUL, CPT-SAP e CEOCEAN. Com recurso de projetos individuais foram instalados geradores a diesel de grande porte nos três centros, em 2023 no CBS (R\$ 341.499,86, Figura 15) e em 2024 no CEME e CIA (valor global de R\$ 518.000,00, Figura 16). O CBS beneficiou-se, ainda, da instalação de climatização central (R\$ 600 mil) finalizada em 2025. CBS e CIA receberam equipamentos de pequeno porte para funcionamento de seus espaços de pesquisa, num total R\$ 210 mil de recursos de projetos individuais. Adicionalmente, o CEME-SUL teve em 2024 a instalação de Interferômetro, alocado pelo INCT Tribologia Verde Voltada à

Transição Energética (INCT-Trib). Apenas nos resultados dos editais publicados neste ano (2024), a FURG foi contemplada com cerca de R\$ 35,5 milhões, a serem executados nos próximos anos.



Figura 14. Inauguração do Centro de Biodiversidade Subtropical da FURG em visita dos diretores da FINEP à Universidade em maio de 2022.



Figura 15. Instalação do gerador no Centro de Biodiversidade Subtropical (CBS-FURG), em operação desde dezembro de 2023.



Figura 16. Obras de instalação de gerador no centro de Microscopia Eletrônica do Sul - CEME-Sul (à esquerda) e Centro Integrado de Análises – CIA-FURG (à direita), em novembro de 2024.

Integração ao Sistema Nacional de Laboratórios em Nanotecnologias (SisNANO): A partir de 2020 a FURG passou a integrar a Rede Nacional SisNANO, ao participar e ter proposta aprovada na Chamada CNPq/MCTIC Nº 18/2019 SisNANO 2.0. Nossa instituição foi a única Universidade Federal do interior, na região sul, a ser cadastrada no Sistema Nacional de Nanotecnologia (Figura 17). Além da qualificação do corpo docente que compôs a proposta, acreditamos que a ação da DIPESQ, de mapeamento das competências internas (pesquisadores e grupos de pesquisa) nas diversas áreas – química, engenharia, alimentos, farmacologia, toxicologia, análise de dados, dentre outras –, permitiu a composição de uma equipe proponente com conhecimentos transversais e altamente qualificadas para concorrer nessa e em outras chamadas para propostas institucionais (p.ex. editais FINEP). A FURG passou a integrar a rede na condição de Laboratório Associado, tendo o CEME-Sul e o CIA-FURG como centros estratégicos na execução das atividades, além de contar com laboratórios de diversas unidades acadêmicas. O projeto na FURG teve a coordenação e vice coordenação, respectivamente, dos Profs. José M. Monserrat (ICB) e Luiz A. Pinto (EQA).



Figura 17. Rede Nacional SisNANO 2.0 na qual a FURG participa desde 2020 com sua infraestrutura multiusuária em rede denominada NanoSul.

Implementação de Sistema de Registro de Pós-doutorado: Após discussão com diversas unidades e formatos possíveis, incluindo debate junto ao CCTI, foi publicada Instrução Normativa Conjunta 01/2021 PROESP/PROGEP que criou o Programa de Pós-doutorado na FURG. Esta iniciativa surgiu da necessidade de conhecer este público, quantos são, onde atuam, e que funções desempenham. Ao mesmo tempo a organização e registro na instituição fornece direitos de acesso aos espaços públicos (biblioteca, RUs, rede de dados) e organiza a emissão de certificados de atuação como pós-doutorandos ([https://propesp.furg.br/images/arquivos_propesp/diposg/Instruo Normativa conjunta 01-2021.pdf](https://propesp.furg.br/images/arquivos_propesp/diposg/Instruo_Normativa_conjunta_01-2021.pdf))

O CGTI está em fase final de implementação de sistema de registro, acompanhamento e emissão de certificados de pós-doutorandos. O fluxo de funcionamento inicia nos Programas de Pós-graduação que selecionam o pós-doutorando através de edital ou a partir de projetos financiados, e o registro no sistema é feito pelo coordenador do PPG. O cadastramento gera número de registro semelhante ao número de matrícula, o qual permite identificação do pós-doutorando e acesso aos espaços da FURG. Em caso de pós-doutorado voluntário um Termo de Adesão é assinado pelo candidato, conforme procedimentos da PROGEP. Ao final do período, o

pós-doutorando encaminha relatório via sistema e o supervisor emite parecer. O certificado com chave de autenticação é emitido em seguida, de forma automatizada.

Implementação de procedimentos e orientações sobre SISGEN - Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado: Ainda em 2019 a DIPESQ dedicou-se à discussão dos procedimentos para regularização da situação da FURG junto ao Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado – SisGen, que trata do acesso ao patrimônio genético e ao conhecimento tradicional associado. Uma comissão foi criada para apropriar-se da temática e propor diretrizes para a instituição e para os pesquisadores. Esta ação resultou na publicação da Instrução Normativa Nº. 05/2019, a qual orienta os pesquisadores da FURG quanto aos procedimentos (<https://conselhos.furg.br/arquivos/instrucoes/propesp/2019/00519.pdf>). Em seguida foram realizadas reuniões com pesquisadores nas Unidades afins à temática, para orientação geral e esclarecimentos.

Dentre os procedimentos a FURG instituiu fluxo para emissão de documentos e convênios com instituições do exterior para envio ou remessa de amostras e acesso a patrimônio genético no exterior. Instruções estão no site da Propesp e orientações são fornecidas conforme demanda. A manifestação quanto ao acesso ou uso é auto declaratório, pelo pesquisador, em plataforma própria do Sisgen, e o registro deve ocorrer antes da divulgação – artigos, teses, congressos, patentes, etc.

Realização de Eventos – MPU e primeira MPU Virtual: Durante o período a PROPESP participou da organização das MPUs (Mostra da Produção Universitária), em especial dos eventos sob sua responsabilidade, quais sejam o Encontro de Pós-Graduação (EPG) e o Congresso de Iniciação Científica (CIC), este último uma exigência do CNPq. Em 2020 e 2023 a FURG esteve à frente da organização da MPU, o qual ocorre em sistema de rodízio entre as Pró-reitorias afins. Em 2020, ao longo do primeiro ano da pandemia de COVID-19, e diante das incertezas que se arrastaram ao longo dos meses, a PROPESP organizou com êxito a primeira MPU totalmente virtual da FURG, em sua 19ª edição. Devido ao curto tempo e às mudanças radicais de cenário o evento teve a totalidade de suas ações em formato virtual, desde as reuniões quinzenais e depois semanais da Comissão Organizadora, passando pela abertura e evento cultural. Cerca de 1500 trabalhos foram

apresentados durante o evento, o qual representou um feito considerável dados os desafios impostos pelo isolamento social do período. Em 2023 novamente coube à PROPESP liderar a organização da MPU, no retorno ao formato totalmente presencial.

Realização de Eventos – EMEEC-Sul: A PROPESP, em conjunto com os Comitês Técnicos Científicos e TAEs do CIA e CEME, organizou no período quatro edições do Encontro de Microscopia, Espectroscopia, Espectrometria e Cromatografia da Região Sul (EEMEC-Sul). Neste evento são oferecidos palestras e cursos, divulgação das técnicas e treinamento de usuários. Em 2017, ainda sob gestão na Direção do Prof. Marcelo D’Oca, foi realizado o 2º. EMEEC, seguido de edições em 2019 e em 2022 (pós-pandemia). Em 11 e 12 de dezembro de 2024 foi realizada a 5ª edição, com 2 palestras (além da palestra de abertura), apresentação de casos de sucesso por estudantes que utilizarem os Centros, além de 4 minicursos.

Implementação de autorização para compra de reagentes controlados: Por exigência legal a Universidade precisa controlar o consumo e obtenção de reagentes controlados, conforme demandado pela Polícia Federal. Neste contexto, em 2020 a PROPESP, em conjunto com a PROINFRA e CGTI, articularam a criação de um sistema online no qual o pesquisador (professor ou técnico), realiza o pedido no Sistemas FURG, aba “Resíduos e Reagentes > Aquisição de Produtos Químicos”. Em seguida a Direção da Unidade aprova a solicitação, a qual é finalmente aprovada pela DIPESQ, gerando autorização de compra automática, a ser baixada pelo pesquisador e repassada à empresa. À cada etapa são gerados e-mails de aviso aos participantes do processo, o qual resulta em grande agilidade e registro eficaz das compras efetuadas pelos pesquisadores da FURG. Anteriormente era gerada autorização avulsa assinada pela DIPESQ.

8.3. Comissões na FURG, nacionais e internacionais

Na FURG participei de diversas comissões e comitês para diversos fins. Os mais relevantes são listados nesta seção.

No âmbito do Instituto de Ciências Biológicas participei do Conselho da Unidade Acadêmica (CICB), representando o PPGBAC, durante os quatro anos à frente da coordenação. Como integrante do PPGBAC participei do Comissão Acadêmica do curso como Coordenador, e

nos anos seguintes, até 2016, como representante docente. No mesmo curso atuei como integrante do Comitê de Seleção do Doutorado, desde seu início em 2014 até 2019.

No PPG em Oceanografia Biológica tive atuação como integrante da Comissão Acadêmica, fórum que avaliava os projetos de mestrado e de doutorado, em reuniões presenciais e entrevistas com os pós-graduandos, entre 2017 e 2018. Desde 2025 iniciei a atuação na Comissão de Qualificação do curso, exame aplicado aos doutorandos.

Em nível institucional, participei do Comitê de Ciência, Tecnologia e Inovação (CCTI), entre 2015 e 2024, inicialmente como representante do ICB e, desde 2019, como Diretor de Pesquisa. Entre 2017 e 2019 atuei como Presidente deste Comitê. Desde 2014 até o presente, atuo como integrante do Comitê de Bolsas Institucionais, vinculado à PROPESP e que avalia os projetos para concessão de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica. Durante o período como Diretor de Pesquisa as atribuições estendiam-se para a elaboração dos editais internos, além da apresentação de editais institucionais aos órgãos de fomento CNPq e FAPERGS. Em nível institucional participo também do Comitê Sucupira, instituído pela PROPESP em 2021, e que revisa criticamente os relatórios dos cursos de Pós-graduação da FURG antes do envio à CAPES; e do Comitê Carlos Chagas, que revisa projetos aos editais de bolsas de Produtividade em Pesquisa ou Inovação (PQ e DT) e para outros editais, conforme demanda de pesquisadores da Universidade. Esta iniciativa qualifica as propostas e aumenta as possibilidades de sucesso em editais externos. Não são detalhadas aqui as participações em comissões temporárias, mas cabe destacar a participação nas Comissões que elaboraram as propostas aos editais FINEP CT-Infra 2011, 2012, 2013 e 2014. Em 2011 e 2012 foram aprovados e posteriormente implementados, respectivamente, o analisador de isótopos estáveis (IRMS) no Centro Integrados de Análises - CIA e o projeto de construção do Centro de Biodiversidade Subtropical (CBS-FURG).

Externos à Universidade atuei na Comissão de Avaliação dos ciclos trienais/quadrienais dos cursos de Pós-graduação da CAPES, na área de Biodiversidade, junto à Divisão de Avaliação (DAV/CAPES) - Avaliações de 2017 e de 2021. Para a CAPES, participei ainda do Comitê que julgou o Prêmio CAPES de Teses, área de Biodiversidade, em 2023.

Para o ICMBio a participação ocorreu em várias comissões com distintos fins. Inicialmente participei da discussão para o primeiro Plano de Ação Nacional voltado às espécies ameaçadas de extinção, o PLANACAP – Albatrozes e petréis, em 2004. Ao longo dos anos atuei como membro deste Plano de Ação, incluindo período como parte do Grupo Assessor Técnico (GAT). No PAN

Aves Marinhas, fiz parte do grupo que elaborou o PAN, atuando também como parte do GAT até 2023. Do PAN Aves Limícolas, atuei como membro. Ainda para o ICMBio atuei como coordenador de táxon (Aves Marinhas), organizando e coordenando as avaliações do status de espécies ameaçadas de extinção para elaboração das listas vermelhas, nos ciclos que culminaram com a lista publicada em 2014 e em 2022.

Internacionalmente, destaco a atuação desde 2008 como membro do Grupo de Trabalho em Conservação, Populações e Status (PACSWG) junto ao ACAP - Agreement for the Conservation of Albatrosses and Petrels. Além da participação nas reuniões regulares do comitê, das quais participei presencialmente em Cape Town, Punta del Este e Florianópolis, os membros avaliam as propostas para *Small grants* anualmente. As atuações como bancas de doutorado, revisor e editor de revistas internacionais são mencionados em outras seções deste Memorial.

8.4. Participação e coordenação de projetos

Diversos foram os projetos em que participei ao longo da trajetória. No item seguinte destaco aqueles cuja participação resultou em captação de recursos para uso direto em meus projetos de pesquisa e os projetos que elaborei para editais de bolsas de iniciação da instituição. Como coordenador ou proponente, destaco o projeto do CNPq obtido em 2009 no edital Pró-Arquipélago, com investigação em diversas ilhas oceânicas brasileiras. Este projeto foi o tema central do doutorado da Patrícia Mancini. Na chamada seguinte a este edital, foi aprovado projeto específico para o Arquipélago de São Pedro e São Paulo, que foi base para o projeto de doutorado do Guilherme Tavares Nunes. Adiante, no edital Universal, proposta foi aprovada com a temática subsídios laterais e espécies invasoras em ilhas marinhas e estuarinas, o qual subsidiou diversos projetos de estudantes, incluindo dois mestrados no PPGBAC com a temática e três mestrados no PPGOB.

Dentre os projetos individuais executados (ou seja, não institucionais), de grande envergadura, destaco o Programa RETER-Trindade, que se constituiu num projeto de restauração ecológica visando melhorar as condições ambientais para a reprodução das fragatas criticamente ameaçadas de extinção da Ilha da Trindade. Este programa captou cerca de meio milhão de reais em 2018. Adicionalmente, ao longo do tempo, outro projeto fundamental para a manutenção das atividades do laboratório tem sido o Monitoramento da Avifauna na área do Porto do Rio Grande, cujas atividades treinam diversos estudantes, fornecem bolsas de diversos níveis, e

propiciam atividades de pesquisas regulares do laboratório, incluindo a viatura 4x4 adquirida em 2024 e que foi muito útil durante a enchente de abril/maio daquele ano. Este monitoramento tem sido executado, em distintos formatos, mesmo antes do ingresso na FURG, e o subprojeto Ornitofauna tem sido coordenado por mim, com valores expressivos capturados ao longo do tempo (ver seção seguinte). Por fim, o projeto de maior montante financeiro foi o Programa de Monitoramento Ambiental da Foz do Rio Doce e Áreas Marinhas Adjacentes – Subprojeto Aves, que coordenei entre 2018 e 2025. Este projeto, com recursos da Fundação Renova através do Termo de Ajuste de Conduta (TAC) oriundo do rompimento da Barragem de Fundão, em Mariana-MG, permitiu a execução de atividades de monitoramento das aves marinhas e costeiras no litoral capixaba e em Abrolhos, além do mar adjacente e Ilha da Trindade. Os recursos permitiram a manutenção de muitos pós-doutorandos, pós-graduandos e graduandos, com diversos teses e dissertações realizadas na FURG e UFRGS em particular (orientadas pelo Dr. Guilherme Nunes). Com o montante de recursos recebidos houve ainda a construção do Laboratório de Aves Aquáticas e Tartarugas Marinhas (LAATM-ICB), uma área de 150 m² ocupada pela equipe que coordeno e construído durante a pandemia (Figura 18). Recursos do projeto permitiram, ainda, a obtenção de três geradores de grande porte para os Centros Multiusuários da FURG, mencionados em outra seção, além da climatização do Centro de Biodiversidade Subtropical (CBS-FURG), concluída em 2025. Desta forma, para atender plenamente as necessidades do projeto, foram alocadas aos centros multiusuários cerca de um milhão e meio de reais, além de um milhão para a construção do laboratório. Pela natureza do projeto, a dificuldade de execução imposta pelo financiador e mantenedores da extinta Fundação, além do controle pelos órgãos ambientais, durante anos de pandemia, este foi o projeto mais desafiador que coordenei.

Destaco, ainda, a participação nos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia – INCT-Mar, além da participação atual nos PELD - Programa Ecológico de Longa Duração (PELD-Patos), um dos “sítios PELD” mais antigos do Programa; participação no INCT-BAA – Biodiversidade da Amazônia Azul, e no projeto “IMPACTANT – IMPACTo das mudanças climáticas na biodiversidade e resiliência dos ecossistemas marinhos na região da Península ANTártica”, parte do Edital Proantar 2023. Em execução temos ainda o “Projeto de Rastreamento de Pinguins-de-magalhães”, com recurso da empresa Perenco Ltda., que contempla valores elevados, e que deverá seguir ao longo dos próximos anos.



Figura 18. Laboratório de Aves Aquáticas e Tartarugas Marinhas do ICB, em construção em abril de 2021 (acima) e em uso em outubro de 2025.

8.5. Captação de recursos

Diversos projetos foram aprovados e recursos obtidos, em editais formais de órgãos de fomento tradicionais, mas também de instituições estrangeiras e de empresas públicas e privadas. Estes projetos e o montante de recursos são listados na Tabela 1 à continuação. Os projetos para obtenção de recursos para bolsas de Iniciação Científica (IC), ações afirmativas (IC-Af) e Iniciação Tecnológica (IT) que coordenei junto ao CNPq e FAPERGS durante o período como Diretor de Pesquisa, são também listados. Destaco que não estão listados os projetos FINEP que participei ou que tive participação importante durante o período como Diretor de Pesquisa ou anteriores (por exemplo CT-Infra 2011 que resultou na construção do CBS e que atuei como articulador principal, e CT-INFRA 2024 que resultou na aquisição de equipamentos de espectroscopia para o CIA), ou editais dos Centros Multiusuários, Sisnano-CNPq, dentre outros. Os valores também não estão corrigidos pela inflação e/ou não contemplam juros efetivamente utilizados para benefício dos projetos, oriundos de aplicações financeiras. São, portanto, valores originais aprovados e utilizados para pesquisa, extensão e desenvolvimento institucional.

Em resumo, houve projetos coordenados ou com participação relevante em uma ampla gama de temáticas, com fontes de recursos financeiros igualmente diversas, e montante estimado mínimo de 38 milhões de reais. Estes recursos obtidos ao longo da carreira, para além de propiciar o desenvolvimento de pesquisas, publicações, dissertações e teses de estudantes, com pagamento de bolsas e investimento em infraestrutura, representam um aporte importante e um legado às instituições, em especial à FURG.

Tabela 1. Projetos e subprojetos coordenados ao longo da trajetória profissional, com origem dos recursos, título e montante aproximado de recursos utilizados. Os valores são originais, sem correção monetária.

Financiador	Edital/ Processo	Ano/ Período	Projeto	Recursos (R\$)
American Museum of Natural History – EUA	Doadores privados	2003	Rastreamento com rádio transmissores e sobrevoos de <i>Sterna hirundo</i> na Lagoa do Peixe	c. 40.000,00
FUNBIO	FNMA-PROBIO 01-03	2004	Manejo e Conservação das Tartarugas Marinhas	250.000,00
American Bird Conservancy – ABC e North Star Science and Technology, EUA	Competição “2007 American Bird Conservancy and North Star Science and Technology Annual Grant competition	2006	Overlap between Spectacled petrels distribution and pelagic longline fishery in Brazil	U\$ 12,000 (65.000,00)
CAPES	Doutorado-pleno no exterior	2005	Estrutura trófica e ecologia da comunidade de albatrozes e petréis no Brasil	~ 280.000,00
NERC, UK	Scottish Universities Environmental Research Centre for laboratory facilities	2006	Stable isotopes analysis in albatrosses and petrels from Brazil	£ 21,127 (R\$ 74.000,00)
CNPq	Edital nº 26/2009 – Programa Pró-arquipélago	2009	Estrutura das comunidades de aves marinhas tropicais no Brasil: influência de fatores físicos e da competição por recursos determinado através de isótopos estáveis	95.260,50

Fundação Mamíferos Aquáticos	Contração Assessoria (FMA-FAURG)	2010-2013	Análise Bioestatística dos dados do Programa Regional de Monitoramento de Praias na Área de Abrangência da Bacia Sergipe-Alagoas (PRMEA)	43.848,00
CNPq	308697/2012-0- PQ 10/2012 Produtividade em pesquisa	2012	Consolidação de estudos com isótopos estáveis no Brasil aplicados à ecologia de vertebrados marinhos	39.600,00
CNPq	405497/2012-1 Chamada CNPq Nº 39/2012. Arquipélago	2012	Fatores regulatórios da população de Atobá-marrom (<i>Sula leucogaster</i>) no Arquipélago de São Pedro e São Paulo	84.463,79
SUPPRG/PortosRS	Condicionante do IBAMA para a Licença de Operação do Porto do Rio Grande	2014-atual	Programa de Monitoramento Ambiental Continuado do Porto do Rio Grande - Avifauna	1.150.531,65
CNPq	310550/2015-7 PQ 2015 Produtividade em pesquisa	2015	Predadores ou presas? Ecologia trófica de aves e tartarugas marinhas e seu papel no fluxo de matéria	39.600,00
CNPq	422759/2016-3 Edital Universal	2016	Subsídios laterais do ambiente aquático para o terrestre, mediado por vertebrados: semelhanças e contrastes entre ilhas marinhas e estuarinas	79.539,00
CNPq/CAPES	441119/2017-4 - Editoração 2017	2018	Revista Brasileira de Ornitologia	10.000,00

CNPq	311409/2018-0, PQ Produtividade em pesquisa	2018	Transporte de material alóctone de ambientes aquáticos para terrestres e vertebrados como mediadores	52.800,00
Fundação Grupo Boticário	PROG_0025_2018	2018	RETER-Trindade: Recuperação do Ecossistema TERrestre da ilha da Trindade visando evitar a extinção de espécies ameaçadas	493.477,65
Fundação Renova	PMBA	2018-2025	Programa de Monitoramento Ambiental da Foz do Rio Doce e Áreas Marinhas Adjacente – Subprojeto Aves	22.944.281,86
FUSP/Petrobras	Petrobras PCR-BS	2018-2023	Projeto Caracterização química e biológica do sistema pelágico da Bacia de Santos - Subprojeto 11 - Caracterização de quelônios e aves marinhas na Bacia de Santos	1.331.080,00
FAPERGS	EDITAL FAPERGS 03/2019 PROBIC/PROBITI	2019	Programa de desenvolvimento do estudante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG por meio das bolsas de iniciação científica e tecnológica da FAPERGS	475.200,00
American Bird Conservancy, EUA	Doadores	2020	Atlantic Lesser Frigatebird Breeding Enhancement Project	U\$ 4,500 (R\$ 24.750,00)

CNPq	800291/2020-4 PIBITI N° 08/2020	2020	Programa de Desenvolvimento Estudantil da FURG através de bolsas de iniciação tecnológica do CNPq	115.200,00
CNPq	800785/2020-7 PIBIC-Af N° 14/2020	2020	Programa de Desenvolvimento Estudantil da FURG em Iniciação Científica Direcionado a Ações Afirmativas	19.200,00
CNPq	800789/2020-2 PIBIC	2020	Programa de Desenvolvimento Estudantil em Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande-FURG	643.200,00
FAPERGS	EDITAL FAPERGS 03/2020 PROBIC/PROBITI	2020	Programa de desenvolvimento do estudante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG por meio das bolsas de iniciação científica e tecnológica da FAPERGS	470.400,00
FAPERGS	EDITAL 02/2021 PROBIC/PROBITI	2021	Programa de desenvolvimento do estudante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG por meio das bolsas de iniciação científica e tecnológica da FAPERGS	480.000,00
CAB Viana	Privado, Condicionante IBAMA à Petrobrás	2021	Projeto de monitoramento de albatrozes e petréis na Bacia de Campos	208.828,57
CNPq	310145/2022-8 PQ – 2022 Produtividade em pesquisa	2022	Conservação, ameaças e análise de riscos para as aves marinhas no Brasil	52.800,00

CNPq	800408/2022-5 Chamada 21/2022 PIBIC	2022	Programa de Desenvolvimento Estudantil em Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande-FURG	657.600,00
CNPq	800934/2022-9 PIBIC Nº Chamada CNPq Nº 34/2022	2022	Programa de Desenvolvimento Estudantil da FURG em Iniciação Científica Direcionado a Ações Afirmativas	19.200,00
CNPq	800961/2022-6 – PIBITI Chamada CNPq Nº 33/2022	2022	Programa de Desenvolvimento Estudantil da FURG através de bolsas de iniciação tecnológica do CNPq	115.200,00
FAPERGS	EDITAL 01/2022 PROBIC/PROBITI	2022	Programa de desenvolvimento do estudante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG por meio das bolsas de iniciação científica e tecnológica da FAPERGS	873.600,00
FAPERGS	EDITAL 01/2023 PROBIC/PROBITI	2023	Programa de desenvolvimento do estudante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG por meio das bolsas de iniciação científica e tecnológica da FAPERGS	882.000,00
CNPq	800803/2024-8. Chamada CNPq Nº 06/2024 PIBITI	2024	Programa de Desenvolvimento Estudantil da FURG através de bolsas de Iniciação Tecnológica do CNPq	260.400,00

CNPq	800805/2024-0 Chamada CNPq N° 05/2024 PIBIC	2024	Programa de Desenvolvimento Estudantil em Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande-FURG	1.167.600,00
	800813/2024-3 Chamada CNPq N° 11/2024 PIBIC-Af		Programa de Desenvolvimento Estudantil da FURG em Iniciação Científica Direcionado a Ações Afirmativas	252.000,00
FAPERGS	EDITAL FAPERGS 02/2024 - PROBIC/PROBITI	2024	Programa de desenvolvimento do estudante da Universidade Federal do Rio Grande - FURG por meio das bolsas de iniciação científica e tecnológica da FAPERGS	882.000,00
PERENCO Petróleo e gás do Brasil Ltda.	Condicionante de operação PPG1A – FSO Pargo, Parecer Técnico IBAMA nº 369/2023-Coprod/CGMac/Dilic	2024-2028	Projeto de Monitoramento de pinguins-de-magalhães (<i>Spheniscus magellanicus</i>) por telemetria satelital	3.613.227,54
TOTAL (R\$)				38.285.888,60

9. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Extensão

Extensão universitária possui definições bastante abrangentes, embora nem sempre concordantes entre os estudiosos do tema ou aqueles que a praticam. De modo simples, poderíamos definir extensão como a atuação ou o compromisso da Universidade com a sociedade na qual está inserida, integrando o conhecimento científico e ensino com os anseios e demandas da comunidade. Compreendida desta forma, diversas das atividades descritas neste memorial poderiam ser consideradas atividades de extensão, desde livros e materiais impressos ou digitais, com perfil destinado ao público em geral, escolas, passando por assessorias e consultorias a instituições públicas, privadas ou da sociedade organizada. No entanto, para ilustrar esta seção destaco dois projetos de maior vulto realizados e que atendem a esta definição.

9.1. Projeto social

Ainda durante minha graduação, quando extensão era um tema novo, um grupo de estudantes da UFRGS, dos cursos de Administração (Paulo Gobbi) e de Engenharia Elétrica (Eusébio Scornavacca Jr.), fez uso do clube de serviços que participávamos (Rotaract Club) para elaborar projeto social que envolvia a montagem de biodigestor e cultivo de flores, com treinamento de jovens e ocupação de idosos com atividades leves, em uma instituição filantrópica mista (Asilo-Orfanato “Amparo Santa Cruz”) na Zona Sul de Porto Alegre. A proposta buscou financiamento através da participação em concurso nacional de projetos sociais, lançado pela Fundação Getúlio Vargas – FGV, de São Paulo, com recursos da Fundação Educar DPaschoal e Fundação Kellog’s. A proposta esteve entre as três finalistas e recebeu 20 mil reais para a execução do projeto, a partir de 1997. Estivemos em São Paulo para o recebimento da premiação no auditório da FGV, com ampla cobertura jornalística (por exemplo Figura 19). Era o primeiro voo de avião.



Figura 19. Reportagem do Correio do Povo de dezembro de 1996 que divulga o grupo de estudantes da UFRGS ganhador do Concurso de Projetos Sociais e o recebimento do prêmio em São Paulo.

Ao longo do ano e meio seguinte o projeto “Para Não Dizer que Não Falei das Flores” foi implementado e entregue à instituição beneficiada. Foi uma primeira e bastante desafiadora ação de extensão, com todas as dificuldades inerentes à inexperiência dos participantes e ao modelo *top-down* de projetos, muitas vezes não alinhado às necessidades urgentes e dissonantes das instituições receptoras. Embora a sustentabilidade ambiental estivesse no centro da proposta, a sustentabilidade financeira pós-projeto foi um dos limitantes. Destaco a grande experiência profissional e interlocução com a comunidade, que foram valiosos ao longo do planejamento e execução do projeto.

9.2. Restauração ecológica

Ainda no contexto da extensão destaco o projeto RETER-Trindade, um projeto que coordenei e que foi apresentado, no formato de Programa, ao Grupo O Boticário. O RETER-Trindade executou, entre 2018 e 2024 uma série de ações de restauração ecológica na Ilha da Trindade. O foco da proposta eram os habitats reprodutivos das fragatas (*Fregata minor nicolli* e *Fregata trinitatis*, duas espécies criticamente ameaçadas de extinção no Brasil e que nidificam em árvores. As atividades incluíam aprofundar os estudos dos camundongos invasores visando a erradicação, análises de solos ornitogênicos históricos, construção de ninhos artificiais, monitorados com armadilhas fotográficas em vídeos, réplicas de fragatas

colocadas no local, e reprodução de vocalizações das espécies. Ainda, avançamos na remoção de plantas exóticas, incluindo remoção mecânica e uso de herbicidas, dentro das Unidades de Conservação ali criadas em 2018 (APA do Arquipélago de Trindade e Martim Vaz e Monumento Natural das Ilhas de Trindade e Martim Vaz e do Monte Columbia). Muitas destas ações de restauração, incluindo a construção de colônia artificial de aves marinhas, foi uma ação inédita em nível nacional. O projeto produziu materiais para mídia digital (@reter_trindade), vídeos mais longos abordando a ilha, o projeto RETER-Trindade e a Amazônia Azul. Este material é usado para palestras, aulas, além de um livro paradidático ilustrado, detalhado em seção posterior (Serafini *et al.* 2023). Os desafios do RETER-Trindade foram enormes, em especial devido à pandemia durante a fase inicial do projeto, mas há todo um conjunto de ações que foram mantidas pela Marinha do Brasil e ICMBio após o fim do aporte financeiro do Boticário. Está em planejamento a Fase 2 do projeto.

10. HISTÓRICO PROFISSIONAL – Pesquisa

10.1. Produção intelectual – Livros

Dentre os livros, diversos foram os que participei da edição e contribuí com capítulos, abordado na seção seguinte. Dentre os editados há o livro sobre aves marinhas do Projeto REVIZEE – Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva, um projeto amplo em todo o país que buscava mapear os recursos marinhos e a biodiversidade. Este livro de 2006 foi intitulado *“Aves oceânicas e suas interações com a pesca na região Sudeste-Sul do Brasil”*. Também destaco a edição de livro oriundo do projeto com tartarugas marinhas financiado pelo FUNBIO, publicado em 2008 e intitulado *“Medidas mitigadoras para reduzir a captura incidental de aves marinhas em pescarias com espinhéis no Brasil”*.

Porém, os livros completos autorais, incluem um guia de identificação de aves, destinado ao público leigo *“Guia Ilustrado das Aves dos Parques de Porto Alegre - Efe, Mohr & Bugoni 2001”*, e que em 2003 não dispunha de exemplares para venda, apesar das 3 mil cópias impressas. Destaco também o livro publicado em espanhol e inglês, com fundos do WWF, tratando da interação das tartarugas marinhas na pesca no Brasil, Uruguai e Argentina, com colegas destes países (Domingo *et al.* 2006). Por fim, em 2023, liderados pela coorientada de

doutorado Patrícia Serafini, foi publicado o livro infanto-juvenil ilustrado, produzido no âmbito do Programa RETER-Trindade, intitulado “*Era o paraíso: a história da ilha da Trindade e das ilhas Martin Vaz*”. Este livro foi distribuído a escolas, instituições governamentais e não governamentais ao longo da costa brasileira. Ressalto que diversas destas publicações poderiam ser incluídas na seção de atividades de extensão acima.

10.2. Produção intelectual – Capítulos de livros

Ao longo da trajetória foram publicados 14 capítulos de livros. Alguns capítulos sobre as aves marinhas no livro do REVIZEE mencionado, passando por um capítulo sobre o petrel-de-trindade, *Pterodroma arminjoniana*, no volume 2 do livro “*Ilhas oceânicas brasileiras: da pesquisa ao manejo* (Mohr et al. 2009); um capítulo sobre técnicas de rastreamento do livro “*Ornitologia e Conservação: Ciência Aplicada, Técnicas de Pesquisa e Levantamento* (von Matter et al. 2010), aves antárticas (2014), atobás do Arquipélago de São Pedro e São Paulo (2018), seções sobre espécies de aves marinhas ameaçadas de extinção no “*Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*” (2008). Até o mais recente, que trata de eólicas em alto mar e impactos potenciais sobre as aves (Bugoni et al. 2022), publicado pelo CEMAVE como parte do livro digital “*Relatório de áreas de concentração de aves migratórias no Brasil*”.

10.3. Trabalhos e palestras em eventos científicos

A lista de trabalhos apresentados em congresso, por mim, por colegas e posteriormente por estudantes, ultrapassa uma centena. Os trabalhos incluem desde aqueles em âmbito local/institucional, como os eventos de iniciação científica, até eventos nacionais e internacionais. Em 2015 deixei de registrar no CV Lattes os trabalhos de alunos em eventos de Iniciação, posteriormente deixei de registrar os eventos nacionais e mesmo os internacionais. Algumas palestras seguem sendo registradas, embora não todas. Certamente as apresentações superam amplamente uma centena, senão duas centenas, mas não mantenho registro regular destas atividades. Seguem ocorrendo regularmente, por exemplo quatro graduandos apresentarão/apresentaram seus trabalhos na Mostra de Produção Universitária da FURG, no início de novembro de 2025. Os estudantes preparam e fazem apresentação nos seminários semanais do laboratório, quando recebem sugestões de melhorias e aprimoram

suas habilidades de apresentação em público. As reuniões semanais para discussão são algo que faço questão de manter e participar regularmente, pois é algo que faltou ao longo de minha formação. Demanda bastante esforço, mas tem valor inestimável na formação de futuros cientistas.

Destaco nesta seção a primeira apresentação, realizada no Salão de Iniciação Científica da UFRGS, e que resultou em menção honrosa, já destacado em outra seção. A primeira apresentação em evento nacional, no Congresso Brasileiro de Ornitologia em Belo Horizonte, e a apresentação de parte do doutorado, realizada na Conferência de Albatrozes e Petréis, na África do Sul, em 2008, em que estive presencialmente.

Dentre as palestras, menciono as palestras nos Congressos Brasileiros de Ornitologia em 2021 *“Estudos recentes e perspectivas sobre a ecologia e conservação das aves marinhas no Brasil”* (XXVII CBO, Virtual); *“Ecologia de aves aquáticas e seu papel na conexão entre ambientes”* XXIII CBO, 2016, Pirenópolis, Goiás); *“Metodologias inovadoras para o estudo da ecologia de aves marinhas e terrestres: transmissores por satélite, geolocalizadores e isótopos estáveis”* (XV CBO, 2007, Porto Alegre); *“Aves marinhas: situação atual e perspectivas no Brasil”* (XII CBO, 2004, Blumenau); *“Uso de ferramentas moleculares para estudo da ecologia de aves marinhas”*, apresentado no Workshop *“Biologia molecular na Oceanografia: de microorganismos a mamíferos”*, no *“IV Congresso Brasileiro de Oceanografia”* em Rio Grande em 2010; *“Interação com atividades humanas e ecologia das tartarugas marinhas no sul do Brasil”*, nas II Jornadas de Conservación y Uso Sustentable de la Fauna Marina y I Reunión de Investigación y Conservación de las Tortugas Marinas del Atlántico Sur Occidental, em Montevideú. Diversas palestras, participação em mesas redondas em congressos, oficinas, minicursos e palestras em eventos acadêmicos de graduação de distintas instituições foram ministrados, mas não são listadas aqui. A mais recente, foi uma palestra na 50ª. Feira do Livro da FURG em setembro de 2025 com o tema *“Integridade Científica e revistas predatórias: como não cair nesta cilada”*.

10.4. Organização de eventos científicos

Quanto à organização de eventos, participei do Comitê Científico do XIX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Maceió) em 2012, do Comitê Científico das II Jornadas de

Conservación e Investigación de Tortugas Marinas em el Atlántico Sur Occidental (Rio Grande), da III Jornadas (Piriápolis, 2007), e da V Jornada (Florianópolis, 2011), além do Comitê Científico do Congresso de Ornitologia das Américas (Puerto Iguazu, 2017). Como Comissão Organizadora mais ampla (não científica) auxiliei no evento “Taim 25 anos: pesquisa e sustentabilidade”, evento ocorrido na FURG no aniversário da Estação Ecológica, em 2011. Também participei da Comissão Organizadora da II Jornada de Conservação e Pesquisa de Tartarugas Marinhas no Atlântico Sul Ocidental, realizada em Rio Grande em 2005.

No entanto, o evento mais desafiador foi a organização das Mostras de Produção Universitária, coordenadas em rodízio trianual pelas Pró-reitorias da FURG. Em 2020 organizamos a MPU em formato totalmente online, desenvolvendo procedimentos e salas virtuais em formato remoto, vídeos gravados e depositados pelos participantes para serem assistidos remotamente (e assim poder ser um evento inclusivo, não era necessário ter conexão com boa internet para apresentação síncrona). Além da organização prévia, com reuniões semanais, pesou bastante a incerteza que perdurou até julho/agosto, poucos meses antes do evento, diante da remota possibilidade de realizar o evento presencialmente. Foi um evento de muito sucesso, 1500 trabalhos apresentados, desde a cerimônia de abertura, entrega de distinção ao homenageado, até sua palestra, e evento cultural com show gravado. Foi extremamente desafiador e cansativo, dado o grau de incerteza e de novidade que passávamos no auge da pandemia. Em 2023 a PROPESP voltou a coordenar a organização da MPU, quando foi retornado o formato presencial pleno. Este foi bastante mais tranquilo.

Retrospectivamente, talvez seja um desafio futuro organizar um evento nacional ou internacional de grande vulto, algo que não tive disposição de fazer ainda. Agora com laboratório em pleno funcionamento, grupo sólido de estudantes, pós-graduandos e pós-doutorandos, além do Técnico Leonardo Furlanetto, o “faz-tudo” do laboratório, talvez seja algo a se pensar.

10.5. Comitês editoriais de revistas científicas

Atuei como parte do Corpo editorial de revistas, inicialmente a *Check List, Journal of species lists and distribution* (ISSN 1809-127X), entre 2008 e março de 2013 como editor de Área de Ornitologia, e entre 2009 e 2010 como Editor-chefe desta revista. Desde 2010 atuo

como editor de área (*Subject Editor*) para aves e répteis marinhos na revista *Marine Biology Research* (Taylor & Francis, ISSN 1745-1019). Na *Mar. Biol. Res.* elaborei a pedido um texto de revisão crítica (*book review*) do livro *Biology of Sea Turtles*, vol III, e também trouxe o editor-chefe à época para palestrar na FURG. Deste encontro resultou um volume especial com os trabalhos do PELD-Patos, vol. 13 “*Thematic issue 1: Biota of the Patos Lagoon Estuary and adjacent marine coast*”, publicado em 2017. Entre 2011 e 2021 atuei como editor da *Revista Brasileira de Ornitologia*, publicação da Sociedade Brasileira de Ornitologia (SBO). Entre 2015 e 2019 ocupei a função de editor-chefe da revista, com a publicação regular, indexação, captação de recursos junto ao CNPq e, por fim, realizei prospecção e apresentei aos membros da SBO a proposta de publicação em parceria com editora profissional, a Springer-Nature. A revista estava definhando rapidamente, recebia poucos trabalhos e com qualidade baixa, em geral restritos ao Brasil. Toda a transferência e adequação foi realizada sob minha condução. Desde 2020 a publicação passou a chamar-se *Ornithology Research* (2662-673X), com atribuição de DOI em cada artigo, diagramação pela editora sem custos e sistema de submissão e revisão online fornecido pela editora. A SBO recebe anualmente percentual das vendas de artigos e assinaturas (*royalties*) e teve fator de impacto aumentado substancialmente. É hoje uma revista que figura com destaque entre as revistas indexadas na área de ornitologia. A editoria-chefe foi passada então para a Profa. Sandra Hartz, novamente cruzando meu caminho. O período à frente da revista da SBO possibilitou, ainda, escrever dois editoriais, um com a editora atual, Hartz & Bugoni (2022), e outro quando a revista passou para a Springer-Nature (Bugoni 2020 <https://doi.org/10.1007/s43388-020-00001-6>). Neste editorial de 2020 pude resgatar um pouco da história da revista, das modificações que passou ao longo do tempo e fazer justiça ao grande papel que a *Ararajuba/Revista Brasileira de Ornitologia* cumpriu para o desenvolvimento da ornitologia brasileira. Desde 2024 aceitei a tarefa de atuar como editor associado da revista *Food Webs* (Elsevier, ISSN 2352-2496).

10.6. Pareceres para revistas científicas e agências de fomento

Minha atuação como revisor/parecerista de manuscritos para revistas científicas iniciou em 2001, com as revistas *Tangara* e *International Journal of Ornithology*, seguido em 2002 com a revista *Atlântica*, todas as três atualmente extintas. Ainda em 2002 uma revista

internacional, duas notas revisadas para a *Marine Turtle Newsletter*. Em seguida sucederam-se revistas importantes das minhas áreas de atuação, *Journal of Field Ornithology* e a revista da SBO, que na época chamava-se *Ararajuba* em 2005, e *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom* em 2007. Desde então atuei como revisor para 125 distintas revistas, grandes e pequenas, da Nova Zelândia e Austrália, passando por China, Indonésia, África, e obviamente Europa e Américas. Certamente revisei algumas centenas de manuscritos, perdi a conta de quantos e não mantenho registros quantitativos. Agrada-me bastante a tarefa, pois me mantenho atualizado, com senso crítico aguçado e aprendendo sobre novidades nas análises, e sobre os meandros da produção científica. Também considero uma tarefa que faz parte, ou deveria fazer parte, das atribuições de todos os cientistas. Não discrimino revistas pequenas locais ou grandes famosas. Apenas com relação às predatórias costumo tomar cuidado redobrado e, com alguma frequência, recuso revisões por este motivo.

Quanto às agências de fomento e instituições de financiamento à pesquisa, emito pareceres regulares para o CNPq (53 pareceres, para diversos projetos, mas posso ter esquecido alguns ou muitos); CAPES (7 projetos); para agências estaduais, por exemplo FAPES (Espírito Santo) e FACEPE (Pernambuco); nacionais, por exemplo FUNBIO (2020 e 2022), e internacionais: Rufford Foundation e Neotropical Bird Club Conservation Award Scheme (Reino Unido), National Research Foundation South Africa (África do Sul), ANID - Agencia Nacional de Investigación y Desarrollo e FONDECYT - Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (Chile), Fondo para la Investigación Científica y Tecnológica – FONCyT, 2016 e 2023 (Argentina), Universidad de la Republica (Uruguai), Dutch Research Council (Holanda) e Narodowe Centrum Nauki - Edital Opus 29 (Polônia). E muitos, quase anualmente, da Austrália, onde está a secretaria do ACAP-Albatrozes e petréis.

10.7. Coleção de Aves da FURG

No final da década de 1970 chegava na FURG o holandês Carolus Maria Vooren. Segundo me contou o Professor, recebeu do reitor uma espingarda para iniciar a coleção de aves. “-Se Darwin podia, ele também estava autorizado, dizia ele!” Outros tempos, certamente. De fato os primeiros exemplares são desta época, ainda preservados, muitos da

praia do Cassino, alguns do mar possivelmente coletados por “meios tradicionais”, outros do Uruguai. A coleção tinha cerca de 400 exemplares, preparados por distintas pessoas com o escasso treinamento e armazenados em sacos de lona preta ou sacos de lixo azuis. Não tinham numeração/tombamento. Lembro uma vez que o Robson Silva e Silva estava interessado em *Stercorarius chilensis* e havia um exemplar na coleção. Eu intermediava o diálogo com o Vooren e perguntei o número de tombo a ele, que respondeu... “- Não temos, mas este poderá ser o 01!” Continua sendo 01 até hoje! Os exemplares eram utilizados também nas aulas práticas de Nectologia, formaram gerações de oceanólogos que desenhavam os exemplares. Com a proximidade da aposentadoria do Prof. Vooren lá pelos anos 2002-2004, a coleção chegou a ser oferecida a outras instituições como doação. Através da movimentação da Direção do Instituto de Oceanografia, que à época me contataram, mesmo eu estando fora da FURG, convencemos da importância da permanência deste patrimônio na FURG. Mas um destino adequado precisava ser dado. Buscamos financiamento em empresas locais, para construir um espaço adequado, sem sucesso. Com o tempo o assunto ficou esquecido, mas a doação, por sorte, também foi deixada de lado.

Com meu retorno à FURG em 2010, embora em outra Unidade Acadêmica, o destino parecia óbvio. Recebi a coleção e utilizamos um espaço provisório no Pavilhão 6. Junto, assumi a parte de aves na disciplina de Nectologia. Através de bolsista PNPD-CAPES, o Dr. Giovanni Maurício, que esteve entre 2011 e 2013 atuando na coleção, os espécimes foram organizados, revisados, e novos espécimes foram preparados. Foi nessa época que o acrônimo CAFURG foi dado. A coleção teve alguma ampliação e organização, enfim. Algum tempo depois o Prof. Cléber Palma-Silva sugere que poderíamos buscar recursos da FINEP-CTInfra para atender às diversas coleções biológicas, de células vivas e de paleontologia que a FURG possuía, mas que estavam em laboratórios, improvisadas. Surgia a ideia, depois o projeto, e enfim o Centro de Biodiversidade Subtropical.

Além de um amplo espaço a CAFURG beneficiou-se da incorporação do pós-doutorando Márcio Repenning a partir de 2018, no âmbito do PMBA já mencionado. As amostras e espécimes precisavam ser mantidos por pelo menos cinco anos, conforme cláusula contratual, então tínhamos justificativas para a contratação de bolsista específico para a atividade. A coleção ficava cada vez maior e mais organizada. Compramos armários deslizantes

(200 mil reais destinados), não faltavam materiais de consumo, e alguém que de fato dedicava-se com qualidade e poderia orientar e treinar estudantes interessados no tema. Depois veio o gerador (mais 340 mil) e por fim a climatização do CBS (outros 600 mil). Agora sim, havia condições ideais para a manutenção perene, desta e de outras coleções abrigadas no CBS. Em outubro de 2025 a CAFURG conta com 373 espécies e 2523 exemplares tombados. Para além das aves marinhas e costeiras inclui agora aves florestais, dos Campos Sulinos, muitos exemplares da região do Taim e da rodovia, e uma boa amostra de aves da costa capixaba, além de alguns exemplares das ilhas oceânicas brasileiras. O Vooren (*in memoriam*), iria ficar orgulhoso da decisão de não mais doar as peles de aves!

10.8. Impacto científico

A trajetória de publicação científica começou em 2000, com uma nota sobre a ocorrência de *Calonectris edwardsii*, a pardela-de-cabo-verde, na costa brasileira, publicada no *Bulletin of the British Ornithologist's Club*. Hoje sabemos que é uma espécie bastante comum, bandos com dezenas podem ser vistos no mar gaúcho no verão. O artigo seguinte foi meu Trabalho de Conclusão de Curso, conteúdo estomacal de tartarugas marinhas, que acabou virando dois trabalhos, um com ingestão de plásticos, na *Marine Pollution Bulletin* em 2001, e outro sobre dieta, publicado em 2003 na *Chelonian Conservation and Biology*. Essa divisão foi indicada por um revisor anônimo (o primeiro 'Reject'), da *Marine Ecology Progress Series*, com a sugestão, ainda anotada nas margens das folhas impressas. Produção científica regular e consistente era minha meta, mesmo nos momentos em que estava fora de alguma instituição de pesquisa. Sabia que precisava de quantidade e qualidade para o acesso a uma vaga como professor.

Desde então são 150 artigos publicados ou aceitos (outubro de 2025). É verdade que há algumas notas no meio, e alguns artigos multiautorais, aqueles com dezenas ou centenas de autores. Tempos modernos, estranhos! Mas a ampla maioria com grupos menores, parcerias com pesquisadores de muitas instituições, do país e exterior, muitos artigos com meus orientados de todos os níveis, mesmo de graduação. Uma única nota, também no BBOC mencionado acima, foi publicada como único autor, como registro de *Pterodroma macroptera* no Brasil, em 2006. Pouco mais de 20 artigos foram como primeiro autor, algo que ficou para

trás, o último em 2014. A maioria foram como último autor, das orientações que se sucederam. Os planos futuros incluem publicar muita coisa atrasada, principalmente de orientados, para valorizar o esforço deles, e os custos, alguns bem grandes, oriundos de projetos com recursos públicos. Desacelerar e dedicar tempo para escrever meus próprios trabalhos também estão no horizonte.

Quanto ao impacto científico, indico as citações que os trabalhos receberam (3068 no *Web of Science*, 3190 no *Scopus*) e 5403 no Google Acadêmico, muito embora até a Certidão de Nascimento seja citada no Google, conforme o Prof. Paulo Santos (UFPE-CAPES). Índice H (também conhecido como índice de velhice) atingiu 34 (34 artigos citados pelo menos 34 vezes). A figura 20, obtida no Scopus, mostra o número de artigos indexados publicados a cada ano, junto com o número de citações. As citações são crescentes, superior a 300 a cada ano, nos anos recentes. Artigos foram publicados todos os anos até um pico de 19 em 2023. Destoou bastante este ano, mas admito que foi coincidência e o susto de que quase fui rebaixado de categoria na renovação da bolsa de produtividade em 2022 (o custo da dedicação à gestão cobrava seu preço).

Muito me orgulha destacar que o trabalho mais citado que tenho segue sendo meu TCC, aquele dos plásticos em tartarugas marinhas (308 citações no Scopus). E aqueles artigos com muitos autores e muitas citações, só aparecem da sétima posição em diante. Antes dessa posição estão vários artigos do doutorado, entre os meus trabalhos que tiveram maior repercussão no meio científico.

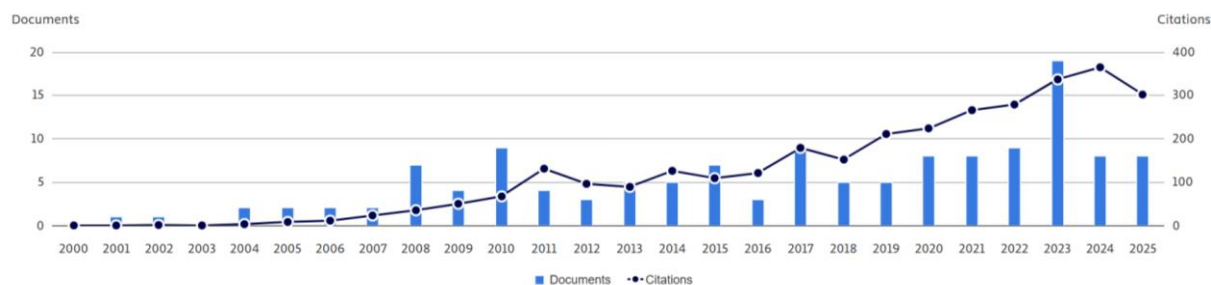


Figura 20. Distribuição anual do número de artigos indexados e citações na base de dados Scopus, extraído em outubro de 2025.

Na análise fornecida pelo *Web of Science*, onde aparecem 166 artigos e *preprints*, as áreas de maior influência são Zoologia (116), Ecologia e ciências ambientais (113), Biologia marinha e límnic (65) e Biodiversidade e conservação (61). Entre as conexões de autorias/afiliações, predomina obviamente o Brasil (139), seguida dos Estados Unidos (19), Escócia (17), Reino Unido (22, que deveria englobar Escócia), Inglaterra (14, também deveria ser Reino Unido), França (11) e Argentina (10). Mas 38 países são citados, outro efeito dos artigos multiautorais, embora também reflita parcerias consistentes além-mar.

Na rede de conexões de autorias, em análise feita no VOSviewer (University of Leiden) a partir das publicações recuperadas no *Web of Science*, aparecem 6 grupos (Figura 21): o grupo das aves do Rio Grande do Sul e associados (aves terrestres); o grupo 2 ainda com isótopos de Glasgow (Bob Furness e Rona McGill, mas que inclui meu orientado de doutorado Gustavo Leal); o terceiro grupo, dos contaminantes em aves marinhas, com outros professores e orientados, incluindo os ex-doutorandos Guilherme Nunes e Patrícia Mancini; o quarto grupo com maçaricos, que inclui os pós-doc Márcio Repenning e o orientado de graduação, mestrado e doutorado (e agora pós-doc) Fernando Faria, e a doutoranda Patrícia Serafini; um penúltimo grupo com os ácaros nasais, liderado pela orientada de doutorado, e agora pós-doc, Silvia Gстал, e por fim, isoladamente, as tartarugas com a Roberta Petitet, minha ex-orientada de doutorado e ex pós-doc. Os seis artigos que ela participou permitem este agrupamento, muito embora os quase 20 artigos com tartarugas mostrem que as atuações pontuais isoladas (Tamar Pesca, Tamar Ubatuba, Tamar Sergipe, NEMA, trabalhos durante minha graduação), não formaram uma rede de cooperação continuada. Parece que as aves aquáticas, e as marinhas em particular, são o melhor descritor da rede de colaborações que formei e que é mantida.

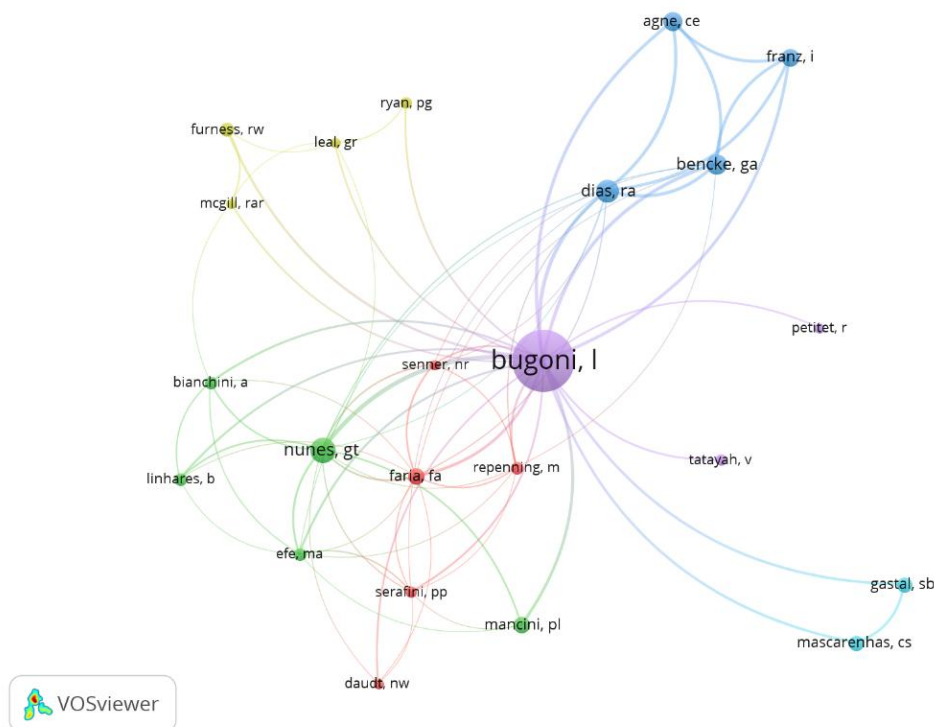


Figura 21. Rede de autorias construída a partir de revisão de artigos indexados no *Web of Science* com minha autoria/coautoria, analisados no aplicativo VOSviewer. A análise indica a existências de 71 ligações em 6 grupos.

Outra forma de compreender o impacto científico, que inclui produção científica, mas também contribuições mais amplas, para a ciência nacional, internacional, gestão acadêmica e para a formação de recursos humanos, talvez seja o recebimento da Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Tive aprovação em 2012, logo após a conclusão dos primeiros mestrados que orientei, exigência da área de Oceanografia. Desde então venho aprovando regularmente, passando à categoria 1D em 2018.

10.9. Impacto não-científico

Dimensionar o impacto não científico oriundo da ciência que fazemos é bastante desafiador. Algumas vezes é possível identificar a ciência aplicada, patentes ou produtos transferidos ou com potencial de transferência à indústria ou outras empresas. Na ciência básica isso costuma ser subjetivo e dificilmente mensurável. Numa tentativa de dimensionar ou indicar de alguma forma os impactos ou efeitos do que fazemos para a sociedade, ilustro

alguns números e exemplos de menções aos resultados das pesquisas publicadas ao longo da trajetória, nas políticas públicas do Brasil e no exterior. A abordagem adotada nem de longe representa o real impacto, seja super ou subdimensionando os efeitos.

Para esta análise utilizei o aplicativo Overton <https://app.overton.io/>, que contém uma grande base de documentos de instituições públicas, tanto de órgãos internacionais quando de governos nacionais e estaduais de diferentes países. Cabe destacar que há o comum viés de documentos divulgados em língua inglesa, assim como beneficia aqueles países ou instituições onde a ciência é norteadora de políticas públicas, algo que nem sempre ocorre por aqui. No aplicativo buscou-se pelo nome do pesquisador [https://app.overton.io/documents.php?query="leandro bugoni"](https://app.overton.io/documents.php?query=).

A busca retornou 105 documentos, de 17 países. Predominaram documentos das Nações Unidas (ONU), em especial UNESCO e FAO, que no mapa da Figura 22 indica Nova Iorque, onde está a sede da instituição. Muitos destes documentos são traduzidos para diversas línguas, por exemplo a Figura 22 (direita), que mostra um documento de pesca e captura incidental de aves marinhas com citação a pesquisas que participei, publicado em árabe.

Dentre as instituições e governos, predominam a FAO (22), Argentina (11), Nova Zelândia (9), e Canadá (6). A Tabela 2 mostra as instituições e o número de citações. Chama a atenção apenas três documentos do Brasil. Diversos foram os governos ou instituições destes países.

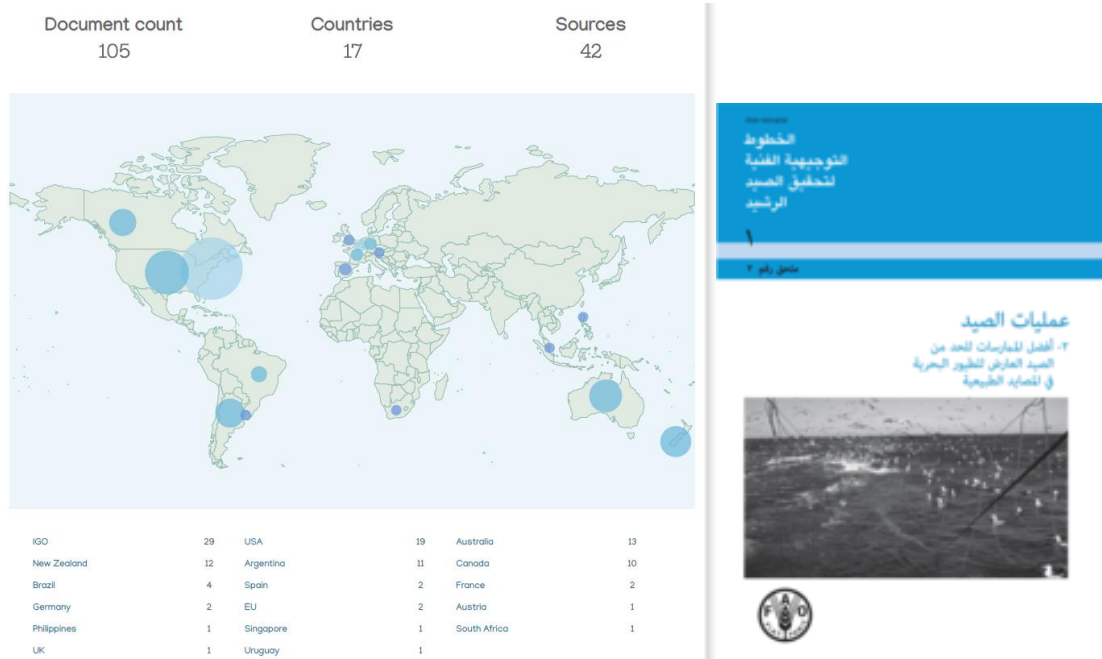


Figura 22. Países com indicação da proporção de documentos (tamanho dos círculos) e que citam pesquisas que participei ($n = 105$ documentos). No lado direito, um documento da FAO sobre pesca e aves marinhas, publicado em árabe.

Em relação aos temas citados em documentos orientadores ou que subsidiaram políticas públicas, destacam-se os temas “Ambiente natural”, “Captura incidental”, “Pesca”, “Ciências da Terra”, “Aves marinhas” e “Biodiversidade” (Tabela 2). De fato, são estes os temas que nortearam boa parte das pesquisas que realizei, ou que os orientandos desenvolveram, ao longo dos anos.

Com relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) da ONU, os documentos tratam especialmente dos objetivos ODS-14 “Vida na água” com 77 documentos, ODS-15 “Vida na terra” (26 documentos) e ODS-13 “Ação para o clima”, com 8 documentos (Tabela 3).

Tabela 2. Lista das principais instituições e governos com documentos que citam pesquisas com minha autoria/coautoria, resgatados em busca no aplicativo Overton.

Policy sources









NAME	DOCUMENTS
 Food and Agriculture Organization of the United Nations Public Sector IGO International Body, IGO Department or Agency, Food and Drug Safety, Healthcare Service, Body or Agency	22
 Government of Argentina Public Sector Government National Body, Public Service, Mixed Roles	11
 New Zealand Ministry for Primary Industries Public Sector Government National Body, Government Department	9
 Government of Canada Public Sector Government National Body, Mixed Roles, Public Service	6
 Government Publishing Office (GPO) Public Sector Government National Body, Mixed Roles, Public Service	5
 State of Hawaii Public Sector Government Regional or State Level Body, Mixed Roles, Public Service	5
 New Zealand Department of Conservation Public Sector Government National Body, Government Department	3
 Government of Brazil Public Sector Government National Body, Public Service, Mixed Roles, Government Department	3

Tabela 3. Lista dos principais temas abordados nos documentos resgatados pela busca no aplicativo Overton que citam pesquisas que participei (acima), e alinhamento com Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), abaixo.

Policy topics

NAME	DOCUMENTS
Natural environment	58
Bycatch	53
Fishing	53
Earth sciences	51
Seabird	49
Biodiversity	41
Longline fishing	40
Sea	36
Albatross	35
Ecology	35
Bird	34

Ativar o
Acesso Col

Policy SDG categories

NAME	DOCUMENTS
SDG 14: Life Below Water	77
SDG 15: Life on Land	26
SDG 13: Climate Action	8
SDG 12: Responsible Consumption and Production	2
SDG 9: Industry, Innovation and Infrastructure	2
SDG 6: Clean Water and Sanitation	1

Como um exemplo de impacto das pesquisas nas políticas públicas, menciono o artigo sobre ingestão de lixo plástico por tartarugas marinhas (Bugoni *et al.* 2001), publicado na *Marine Pollution Bulletin*. Embora não tenha sido o primeiro estudo com a temática, esta publicação recebeu grande interesse ao redor do planeta, tanto científico, pois foi amplamente

citado, quanto em políticas públicas. Na plataforma Overton pesquisada, há menções a este trabalho em documentos da International Union for Conservation of Nature (2014), State of New South Wales (2016), State of Hawaii (2017), The Scottish Government (2012), Government of Brazil (2018), State of Texas (2010), Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha (2022), Government of Argentina (2023) e Government of the Philippines (2015), dentre vários outros documentos e instituições/países. É gratificante ver que uma pesquisa serviu de subsídio para a proibição de sacolas plásticas pelo senado da Escócia, da Austrália, ou aparece em documentos das Nações Unidas sobre a temática de poluição nos oceanos. Reconheço que foi um trabalho despretensioso e até mesmo obra do acaso, pois a intenção era estudar a alimentação das tartarugas. Todavia, poder dar uma pequena contribuição para o meio ambiente e os animais marinhos é o que, no final das contas, esperamos que aconteça.

11. PREMIAÇÕES E DISTINÇÕES

Dentre as distinções recebidas ao longo da carreira, algumas foram marcantes e merecem destaque. Duas delas ocorreram ainda durante a graduação, menções honrosas pelos trabalhos apresentados no VIII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, com alimentação de pinguins antárticos (1996), e na UNISINOS, sobre alimentação e organismos comensais em tartarugas marinhas (1998).

Durante o doutorado, vencer a “2007 American Bird Conservancy and North Star Science and Technology Annual Grant competition” representou receber transmissores satelitais para rastreamento de petréis. Isto possibilitou elaborar um capítulo da tese e artigo publicado na *Marine Ecology Progress Series* (aquela revista que rejeitou meu primeiro manuscrito). Ainda no doutorado, o trabalho apresentado no Fourth International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and Petrels na Cidade do Cabo, sobre uso de linhas espanta aves na pescaria de espinhel, liberado pela Patrícia Mancini, foi vencedor na categoria poster. Minha tese de doutorado foi, ainda, finalista do 2011 CMS Thesis Award (Convention on Migratory Species/United Nations Environment Program).

Diversas premiações e reconhecimentos recebidos posteriormente são oriundos dos trabalhos de estudantes. Destaques em seções de Iniciação Científica da FURG ocorreram em

diversas ocasiões, também em eventos nacionais (por exemplo Prêmio Helmut Sick 2019 para Cindy Barreto) e internacionais (Fernando Faria na 8va. Reunión del Grupo de Aves Playeras del Hemisfério Occidental, Panamá). São motivo de grande orgulho o sucesso dos estudantes de todos os níveis. Vários artigos receberam também destaque, seja como artigos mais citados (revistas *Aquatic Conservation* sobre anzóis circulares e captura de tartarugas marinhas; revista *Austral Ecology* sobre vertebrados invasores em Fernando de Noronha predando espécies nativas, trabalho de mestrado da Juliana Gaiotto). Ainda como artigos escolhidos pelo editor (*Editor's choice* ou *Feature articles*), ou capas de revistas científicas importantes, como *Diversity and Distributions*, *Ecological Applications*, e *Journal of Biogeography*, todas com aves marinhas (Figura 23).

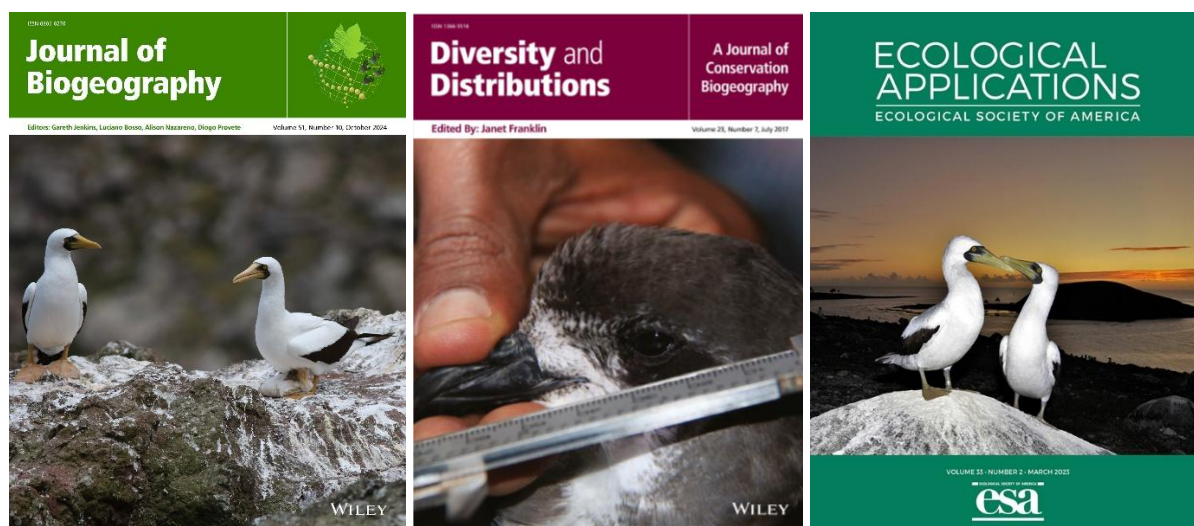


Figura 23. Capas de revistas científicas que destacaram artigos publicados com aves marinhas realizados ao longo da trajetória acadêmica. Da esquerda para a direita, representam Muraro *et al.* (2024), Ramos *et al.* (2017), e Linhares & Bugoni (2023).

12. CONCLUSÕES E OS PRÓXIMOS 20 ANOS

Escrever este Memorial foi revisitar o passado, lembrar aventuras, incertezas, apostas e decepções, e também algumas conquistas. Foi uma trajetória árdua, conquistada com esforço, oportunidades e muitos amigos e parceiros ao longo do caminho. Seria falso dizer que foi fácil, ou que não mudaria nada. É sempre mais fácil reavaliar depois de concluído e

diagnosticar onde poderia ter sido mais assertivo, mais prático e eficiente; onde os lucros seriam maiores e os custos minimizados. Mas valeu muito a pena, por mais tortuosa e espinhenta que tenha sido a trilha percorrida. Não foi uma trajetória profissional perfeita, assim como tenho cada vez mais clareza dos meus defeitos. Mas foi acima de tudo uma trajetória humana, com os erros e acertos, vitórias e derrotas, inerentes aos falíveis e muito imperfeitos *Homo sapiens* que habitam esse pontinho do Universo. Criticamente, posso dizer que não faltou dedicação e tentativa de acertar, mesmo quando não foi possível. Em várias áreas considero que pude dar uma contribuição importante – na pesquisa, na formação de profissionais de vários níveis, na gestão acadêmica e na pós-graduação, na captação de recursos. Talvez um pouco menos no ensino, já que o perfeccionismo e rigor talvez excessivos podem não ter sido a melhor forma de lidar com as diferenças dos estudantes. E bem menos na extensão. Faltou também dedicar um pouco mais a mim, sei que deveria ter feito um pós-doutorado, um ano sabático fora do país. Está na lista de tarefas. Também deveria ter me dedicado um pouco mais à família. Muitas vezes estive ausente, com a desculpa de que o senso de responsabilidade me obrigava a trabalhar e cumprir os prazos.

Cabe aqui um (ou muitos) reconhecimentos. O primeiro, o tributo ao esforço e à visão dos meus pais; o segundo, agora com muita clareza, do papel crucial do ensino público, da universidade pública, e da pesquisa feita em nossas universidades, na transformação social, seja de uma pessoa, família, e de um país. Fica evidente que contei com a sorte, pois em alguns momentos estive por um triz de perder o rumo. Tivesse faltado um galho para agarrar no momento de correnteza forte e teria sucumbido (aliás, eu nado muito mal, só aprendi com trinta e tantos anos, apesar de centenas de dias de mar). Muitos jovens certamente não têm as oportunidades que tive, a lucidez e o apoio que tive; o Brasil perde muito com isso e perde especialmente a oportunidade de fazer justiça social. Somos, ainda, um país extremamente desigual.

Ao olhar para os quarenta anos anteriores, e 25 de carreira, é inevitável não pensar: “- E agora?” Ainda tenho bastante empolgação pelo que faço. Claro que algumas coisas mais que outras – a ciência ainda me fascina; ler, escrever, surpreender-se com o desconhecido, numa trajetória de um animal rastreado, numa espécie que não identificamos de imediato, ou num gráfico que sai diferente do previsto; o ambiente do laboratório e do campo me alegram, não

é um fardo trabalhar todos os dias. Chegar ao laboratório, conviver naquele ambiente, o cheiro de café ou de alguma amostra ou carcaça que “passou do ponto”; de vez em quando uma saída de campo. Tudo isso ainda empolga. Tenho um grupo de trabalho incrível, a ajuda de um técnico (o Leo) que faz tudo e mais um pouco para manter a “casa” em ordem, e que divido a sala de permanência; alunos empolgados e cheios de desculpas inovadoras pelos atrasos constantes. Colegas que inspiram, na FURG e em outras instituições. Vale a pena seguir em frente... Mas as muitas reuniões, a administração e a burocracia, definitivamente não me deixam feliz. É bem mais suave com gestores que inspiram, como foi o Reitor Danilo e o Edu Pró. Mas continua sendo enfadonha a maior parte da burocracia; e ácida a gestão, onde sobram críticas e faltam braços para ajudar a carregar o piano.

Tenho alguns planos, é verdade. Desacelerar talvez seja o mais urgente. Escolher melhor e cada vez mais dizer “nãos”. Tenho praticado dizer “não” com mais frequência, embora o sentimento de culpa venha em seguida. Menos alunos, menos cargos, menos funções e prazos na agenda. Um pós-doutorado fora do país para reciclar as ideias, atualizar-se, rodar algumas análises e depois de uma década ter de novo algum Bugoni *et al.* para chamar de meu. No horizonte tenho alguns projetos grandes e desafiadores, outros pequenos, mas que entusiasмам; muitos manuscritos parados há anos; alguns locais para conhecer e algumas aves que nunca vi para amostrar. Na bagagem, carrego um sincero agradecimento a todos que tive a oportunidade de conhecer e trabalhar, construir ou discordar. É... acho que faria tudo de novo para chegar ao mesmo lugar!